

MARQUES GOMES

CONSELHEIRO

AF. ALBUQUERQUE

biblioteca



CONSELHEIRO

ANTONIO FERREIRA DE ARAUJO E SILVA



nosso biographado é uma notabilidade do districto de Aveiro, que se présa em o ter por filho, e entre os engenheiros portuguezes occupa de ha muito logar distinctissimo. Ao seu valor intellectual, que é muito, allia uma grande integridade de character, uma enorme illustração e um amor ao trabalho difficil de ser egualado, a par d'uma dedicação extrema pela causa publica. São tão variadas as suas aptidões como vastos os seus conhecimentos technicos, e tanto estes como aquellas, estão comprovados com centenaes de factos nas obras que tem projectado e construido.

Diremos das principaes, e essa narração, embora muito succinta, como não pôde deixar de ser, será a pagina brilhantissima da biographia do illustre engenheiro, com cuja amisade nos honramos ha largos annos, e cujos trabalhos vimos de ha muito admirando, congratulando-nos com os triumphos e louvores que d'elles dimanam.

O conselheiro Araujo e Silva, que é natural d'aquelle districto, como fica dito, viveu muitos annos em Aveiro, prestando tanto a esta cidade como á circumscripção os mais importantes e sempre os mais desinteressados serviços. Isto só dava-lhe direito, como a poucos, a dizermos de alguns factos da sua vida publica, onde não ha senão que louvar, tão desanuviada e limpida ella é, se outras razões não houvesse, como são a amisade e sympathia que ha muito lhe consagramos.

Antonio Ferreira de Araujo e Silva nasceu em Oliveira d'Azemeis a 9 d'agosto de 1843, e foram seus paes o conhecido e estimadissimo pharmaceutico, Joaquim Ferreira de Araujo e Silva e sua esposa a sr.^a D. Margarida Rita do Carmo, já fallecidos, mas que ainda tiveram a suprema ventura de em 14 de maio de 1887, ao celebrarem as suas bodas de oiro, verem em volta de si os filhos do seu amor, todos vantajosamente collocados, todos

estimados e queridos, verdadeiros exemplos de dedicação ao trabalho honrado e prestadio, e de levantado civismo.

Joaquim Ferreira de Araujo e Silva era um verdadeiro homem de bem e um excellente cavaqueador. A sua pharmacia era o ponto de reunião dos « patulêas », pois elle, antigo soldado da liberdade, por que combatera denodadamente durante o cerco do Porto, era entusiasta do partido dos Passos, a cujo grupo pertenceu sempre o seu patricio e leal amigo, José da Costa Sousa Pinto Basto, deputado já na primeira legislatura que se seguiu ao triumpho da causa constitucional em 1834.

Como antigo setembrista, Joaquim Ferreira abraçou com enthusiasmo o movimento popular de maio de 1846, combatendo galhardamente em defeza da junta do Porto, de outubro d'este anno até á convenção de Gramido.

Quando nos primeiros mezes de 1847 Saldanha, commandando as tropas da rainha, veio estabelecer o seu quartel general em Agueda, estendendo as suas guardas avançadas até Oliveira d'Azemeis, a mãe de Araujo e Silva, receiosa, e com rasão, que a sua casa fosse atacada pelos soldados do marechal como vindicta do marido estar combatendo no Porto pela Junta, refugiou-se por algum tempo, em fevereiro

d'este anno, n'uma aldeia serrana (Villarinho de S. Luiz), proxima já ao visinho concelho de Sever de Vouga, levando nos braços o filho, que é hoje engenheiro, director das Obras Publicas do districto do Porto, do conselho de Sua Magestade, etc.

*

Não foi longo felizmente aquelle exilio. Araujo e Silva, então ainda envolto nas faixas infantis, pôde voltar d'ahi a dias para a casa paterna.

Saldanha entrou em Oliveira d'Azemeis em 17 de fevereiro, escolhendo para quartel-general a casa de Joaquim Lino Pires. O pae de Araujo e Silva continuava no Porto, combatendo pela causa popular, mas Saldanha soube por tal fórma conquistar o respeito de todos pela severa disciplina que manteve entre as tropas do seu commando, punindo com rigor os desmandos dos soldados e cohibindo qualquer abuso e excessos dos seus partidarios sobre as familias e haveres dos que militavam no campo opposto, que a d'elle nada soffreu.

Terminada a lucta em junho de 1847, Joaquim Ferreira voltou ao remanso do seu lar e á adminis-

tração da sua pharmacia, que, além de ser ponto de reunião das pessoas mais consideradas de Oliveira d'Azemeis, era tambem refugio dos pobres, pois a alma espartana do seu proprietario enternecia-se com as desgraças alheias, e, o mais das vezes, o pharmaceutico convertia-se em medico, e era sempre a providencia dos infelizes.

Quando em 1859 estavam em grande desenvolvimento os trabalhos de construcção da estrada real de Coimbra ao Porto, sob a direcção do engenheiro José Diogo Mousinho de Albuquerque, frequentava o nosso biographado as aulas de latim e francez, que ao tempo havia em Oliveira d'Azemeis, mais tarde supprimidas pela centralisação do ensino nos lyceus.

Formara-se por essa época uma empresa constructora do pavimento do troço da estrada entre aquella villa e a ponte de Cavalleiros. Foram então buscal-o e encarregaram-no de fiscalisar a britagem da pedra, sob a inspecção do engenheiro chefe de secção, Mathias Cypriano Pereira Heitor de Macedo. Estava tambem em construcção a ponte da Margonça, a cinco kilometros ao norte da villa, e Araujo e Silva principiou a ir alli por varias vezes, e, por simples curiosidade, vêr os trabalhos. Desenhando detalhados *croquis* das obras, explicava aos

seus conterraneos o adiantamento da ponte e da edificação das barracas luxuosas, que se levantaram para o serviço d'aquella obra.

José Diogo Mousinho frequentava muito a pharmacia de Joaquim Ferreira, em que se reuniam, como fica dito, as principaes pessoas da localidade. N'uma das occasiões em que se fallava na obra da ponte, este apresentou áquelle engenheiro uma vista em perspectiva de todos os trabalhos tirada e desenhada por seu filho.

José Diogo admirou o trabalho que denunciava muita habilidade, e, com enthusiasmo, insistiu com o pae de Araujo e Silva para que o mandasse estudar engenharia, carreira em que ninguem da familia havia sequer sonhado. O velho amigo da casa, deputado e futuro par do reino, José da Costa Sousa Pinto Basto, que estava presente, foi da mesma opinião, e promptificou-se logo a conseguir em Lisboa uma collocação provisoria, que garantisse qualquer mensalidade para auxiliar as despezas na capital, de Araujo e Silva, que sentaria praça em sapadores. O pae do joven estudante, porém, hesitou por bastante tempo, mas a final cedeu, preferindo todavia que o filho seguisse o curso de engenharia civil. Não desejava que este fosse militar.

Apesar da boa vontade de todos só em 6 de

janeiro de 1862 é que Araujo e Silva poude seguir para o Porto, a fim de frequentar os preparatorios que lhe faltavam. O portuguez, francez e latim, esses havia-os estudado em Oliveira d'Azemeis. Chegado ali não se matriculou no lyceu; estudou particularmente com abalisados leccionistas, taes como Azevedo d'Albuquerque, dr. Chaves de Oliveira, padre Portella, Augusto Luso, etc. Em julho de 1863 fez, d'um jacto, os exames de todos os preparatorios no lyceu d'aquella cidade, desde «instrucção primaria» até «introducção aos tres reinos da natureza», sendo approvado em todos e alcançando uma distincção em mathematica.

Em outubro d'esse anno entrou para a Academia Polytechnica, matriculando-se no curso de engenharia de pontes e estradas e no curso de engenharia de minas, indo frequentar a aula nocturna de desenho do Instituto Industrial e Commercial do Porto.

*

Com os extraordinarios predicados com que Araujo e Silva iniciara e concluiara os estudos preparatorios, facil é calcular como faria o curso supe-

rior, que escolhera, e que era o ideal que o vinha embalando desde os seus primeiros annos.

Por isso dizia com inteiro conhecimento de causa e com a auctoridade que todos lhe reconhecem, *O Commercio do Porto* no seu n.º 48, de 24 de fevereiro de 1888, ao noticiar a nomeação do distincto engenheiro para director das Obras Publicas do districto do Porto:

«A vida do sr. Araujo e Silva tem sido passada sob um trabalho constante e uma variada applicação das suas faculdades. A sua carreira escolar foi tão brilhante como a sua vida publica tem sido. Foi na Academia Polytechnica do Porto que completou o curso de engenheiro de pontes e estradas e de engenheiro de minas, conquistando premios e *accessits* pela sua applicação e pelos seus talentos, e alcançando um diploma de louvor na cadeira de architectura civil. Tentou ainda levar a cabo o curso da Escola Medico-Cirurgica, mas não lhe foi possivel, nos cinco annos, conseguir esse *desideratum*.

Em 1866 foi ao concurso triennial da Academia Portuense de Bella-Artes, tendo por competidor o insigne esculptor Antonio Soares dos Reis. A Aca-

demia conferiu-lhe o segundo premio pelo seu projecto de um theatro para o Porto.

Logo que abandonou os bancos das aulas applicou-se ao estudo pratico de todos os problemas da engenharia, até que, por Portaria de 9 de julho de 1869, foi despachado para engenheiro da Repartição Districtal de Obras Publicas de Aveiro.»

Foi incontestavelmente de uma actividade sem par o trabalho de Araujo e Silva, como engenheiro subalterno na repartição de engenharia districtal em Aveiro, e não excedido depois que em 1870 foi promovido a engenheiro chefe da mesma repartição, d'onde em 1875 passou para a direcção das Obras Publicas do mesmo districto, onde veio firmar, de uma maneira superior a todo o elogio, a fama de que vinha precedido.

No desempenho dos primeiros d'aquelles logares, Araujo e Silva estudou e construiu centenares de kilometros de estradas, delineou e dirigiu a construcção d'um grande numero de edificios e obras d'arte, que estão ahi a abonar as suas excepçoes aptidões e a confirmar o seu enorme zêlo pelo serviço publico e grande amôr ao trabalho.

O prestante e honradissimo cidadão Manuel José Mendes Leite, que foi uma gloria da terra que

o viu nascer,—a cidade de Aveiro—e que tão avaro era em dispensar elogios como digno no desempenho de todos os seus deveres officiaes, escreveu em 1885, como governador civil de Aveiro, que então era, por seu proprio punho, n'um documento publico:

«Attesto que Antonio Ferreira de Araujo e Silva desempenhou as funcções de engenheiro districtal n'este districto d'Aveiro desde 20 de julho de 1869 até 11 de fevereiro de 1875, sem interrupção de serviço e com louvavel zêlo, intelligencia e reconhecido proveito para o districto.»

Havia sido o mesmo distinctissimo funcionario que o havia nomeado, doze annos antes, primeiro engenheiro das obras publicas districtaes, como se vê d'este honroso documento:

«Manoel José Mendes Leite, bacharel formado em direito e governador civil do districto de Aveiro, etc.—Faço saber que ouvida a commissão de viação municipal em sessão de 8 do corrente sobre

o provimento do logar de primeiro engenheiro da Repartição Districtal de Obras Publicas, e attendendo ao merecimento e aptidão scientifica do segundo engenheiro da mesma repartição, Antonio Ferreira de Araujo e Silva, o qual no exercicio interino d'aquelle cargo tem dado as mais exuberantes provas de interesse e dedicação pelo serviço publico; usando da auctorisação que me confere o artigo 4.º do Decreto com força de lei de 30 de outubro de 1868, nomeio o referido engenheiro para o sobre-dito logar, vago pela encorporação de Alberto Alva-res Ribeiro no quadro da Direcção das Obras Pu-blicas do districto do Porto. Ao agraciado cumpre satisfazer os direitos de sellos de mercê que dever na conformidade da lei.

Dado no Governo Civil de Aveiro, sob sello do mesmo e minha assignatura aos dez de novembro de 1873.—(a) Manoel José Mendes Leite.»

Araujo e Silva, que havia sido nomeado enge-nheiro districtal de Aveiro, por Portaria de 9 de julho de 1869, passou, como dissemos, a chefe de repartição, logar que vinha exercendo interinamente desde 1870, por alvará do governador civil, de 10 de novembro de 1873, promoção para que concor-

reu em parte a camara municipal de Aveiro, a quem o distincto engenheiro havia, já ao tempo, prestado relevantes serviços, como se vê d'este extracto da acta da sessão da mesma camara, de 28 de agosto de 1873:

«O sr. presidente participou que o encanamento da fonte da Praça estava proximo de conclusão, principiando-se a trabalhar para a construcção da caixa mãe d'agua. Que tinha a satisfação de annunciar que, em vista d'isto, se poderá communicar a nascente com o novo encanamento, vindo já a agua no sabbado á noite ao chafariz da Praça do Commercio. Que do seu dever era informar igualmente a camara dos optimos serviços prestados pelo engenheiro districtal Antonio Ferreira de Araujo e Silva, o qual tomára a direcção technica da obra a seu cuidado, empenhando todos os esforços para que ella ficasse em boas condições, e sob a sua immediata direcção tinha tambem sido credor de elogios o mestre d'obras Jeronymo Pereira Campos.

«A camara, manifestando a sua satisfação pelo bom exito dos trabalhos emprehendidos para levar a cabo melhoramento de tão grande utilidade publica, votou que se consignasse um voto de louvor

e agradecimento ao engenheiro Antonio Ferreira de Araujo e Silva, e ficassem tomados em consideração os serviços do mestre d'obras Jeronymo Pereira Campos.

«E lembrando o sr. presidente a vantagem de ser provido no lugar de 1.º engenheiro chefe da Repartição de Engenharia Districtal, vago pela transferencia de Alberto Alvares Ribeiro, o referido Antonio Ferreira de Araujo e Silva, que incontestavelmente reunia todos os predicados para o exercer com proveito publico, como este municipio podia praticamente attestar, deliberou a camara que d'esta parte da acta se tirasse uma copia, a qual seria enviada ao ex.^{mo} governador civil do districto, acompanhada do pedido, em nome de toda a vereação, para que s. ex.^a tomasse em consideração os serviços prestados, e se dignasse provêr o mesmo Antonio Ferreira de Araujo e Silva, no lugar vago de 1.º engenheiro districtal.»

*

Antes de proseguirmos na enumeração dos trabalhos e serviços prestados a Aveiro e ao seu dis-

tricto por Araujo e Silva, como engenheiro, vamos dizer um pouco do muito que concorreu para a brilhante exposição, que em maio de 1882 se realisou n'esta mesma cidade, facto que marcou época nos annaes aveirenses.

De uma palestra que tivemos sobre cousas locaes pelo natal de 1880 com o distincto official da armada e illustre filho de Aveiro, sr. Francisco Augusto da Fonseca Regalla, nasceu a ideia de se fundar n'esta cidade uma sociedade de instrucção e recreio, mas com vistas um pouco mais largas que de ordinario costumam ser no paiz as das suas congeneres, — sociedade que teve por titulo *Gremio Moderno*, e de que aquelle foi o verdadeiro impulsor e primeiro presidente.

O *Gremio Moderno* tinha por fim concorrer para o progresso material e moral do districto de Aveiro, por todos os meios ao seu alcance, e principalmente:

- 1.º Promovendo o augmento da riqueza publica do mesmo districto, estudando as condições dos seus factores e procedendo a investigações estatisticas.

- 2.º Promovendo e encaminhando a iniciativa das corporações publicas para a realisação de todas as obras tendentes ao embelezamento das suas

povoações e melhoramento das condições hygienicas d'ellas.

3.º Procurando levantar o nivel moral dos seus habitantes pela fundação de escolas de instrucção primaria e profissional e de bibliothecas populares; pela realisação de conferencias, que se relacionem principalmente com os fins da sociedade; por investigações sobre a historia do districto; e pela publicação de um boletim destinado a tornar conhecidos os seus estudos.

4.º Tomando conhecimento dos monumentos e objectos d'arte existentes no districto, e velando pela sua guarda e conservação.

5.º Buscando melhorar as condições de vida das classes pobres, pela fundação de associações de soccorros mutuos, cooperativas e de beneficencia e pelo aperfeiçoamento das já existentes, de modo a criar-lhes meios que as habilitem a preencher cabalmente os seus fins e a augmentar a sua area d'acção.

6.º Velando pela conservação e engrandecimento da autonomia administrativa e ecclesiastica de Aveiro, etc.

Em 19 de janeiro de 1881 constituiu-se legalmente a sociedade, sendo socios fundadores: Agostinho Barbosa Sotto-Maior, Amadeu Faria de Maga-

Ilhães, Carlos de Faria e Mello, Fernando de Vilhena, Francisco Augusto da Fonseca Regalla, Francisco de Pinho Guedes Pinto, Francisco Victorino Barbosa de Magalhães, João Augusto Marques Gomes, João Honorato da Fonseca Regalla, Joaquim de Mello Freitas, Jorge de Faria e Mello, José Chrispiniano da Fonseca, José da Maia Romão, José Maria Barbosa de Magalhães, José Maria Pereira do Couto Brandão, Manoel Fernandes Thomaz, Manoel Maria da Rocha Madail e Tancredo Caldeira do Casal Ribeiro.

Aberta a inscrição dos socios, um dos primeiros a inscrever-se foi Antonio Ferreira de Araujo e Silva, cuja devoção civica e tendencias do seu espirito fizeram abraçar desde logo com fremente entusiasmo o programma deveras sympathico da nova sociedade, á qual veio a prestar desinteressados e relevantissimos serviços, como vamos vêr.

Realisavam-se no *Gremio Moderno* amiudadas sessões, em que se apresentavam e discutiam trabalhos, propostas e communicções dos socios, e em quasi todas comparecia sempre Araujo e Silva, cooperando em tudo com a sua muita actividade e não menor cabedal de illustração. N'uma d'estas sessões, na de 28 de janeiro de 1882, apresentamos uma proposta para que o *Gremio Moderno* realisas-

se uma exposição retrospectiva de objectos d'arte decorativa e das industrias modernas do districto de Aveiro, exposição que devia inaugurar-se no dia 8 de maio proximo, anniversario do primeiro centenario da morte do marquez de Pombal, a quem Aveiro devia os seus fóros de cidade e o seu báculo de diocese. Esta proposta foi bem recebida, e n'essa mesma sessão foram nomeados os socios que deviam dar parecer sobre ella, e que eram: Manuel José Mendes Leite, antigo deputado e governador civil do districto; Agostinho Duarte Pinheiro e Silva, presidente da Associação Commercial e redactor do *Districto de Aveiro*; José Maria Barbosa de Magalhães, advogado e redactor do *Campeão das Provincias*; João Augusto Marques Gomes, auctor da proposta, e Antonio Ferreira de Araujo e Silva, que foi escolhido para relator do parecer.

Acertadissima foi a escolha de Araujo e Silva, pois, a não ser assim, seria quasi impossivel que o parecer, bem como o programma da projectada exposição, podesse ser apresentado e discutido, como o foi, na sessão de 3 de fevereiro. São d'aquelle parecer estes trechos:

«Segundo a proposta do nosso consocio João Augusto Marques Gomes, tem esta exposição por

fim commemorar o centenario do grande marquez de Pombal, no dia 8 de maio.

«N'uma época em que a ideia da suppressão do districto vae tomando proporções assustadoras, é forçoso que os seus habitantes dêem provas de vida e de actividade, attestadas por apprehendimentos de adiantada civilisação.

«O apprehendimento que se tem em vista é perfeitamente realisavel se houver da parte de todos boa vontade e dedicação.

«Render por tal meio preito e homenagem ao grande marquez de Pombal, é não só uma prova de vida districtal, mas até um elemento fortissimo para attestarmos o direito da nossa autonomia.

«O marquez de Pombal, se até certo ponto tinha em muitos actos da sua vida as ideias erroneas do seu tempo e até preconceitos pessoaes, sabia comtudo sondar perfeitamente os abusos do regimen existente e conhecer a fundo as ideias da governação; e, sem receios dos obstaculos que lhe oppunham de frente, levou a sua coragem a arcar com todas as resistencias para realisar á viva força os progressos da sua época, passando atravez de todas as opposições, embora se fizesse acompanhar do terror e do direito oppressivo.

«Quando no auge do seu enthusiasmo elle es-

tava procurando melhorar a cahotica administração portugueza, dava-se em Lisboa o terrivel cataclismo de 1 de novembro de 1755. Sem hesitar um instante, sem perder o sangue frio de que era dotado, attentou corajosamente para o montão de ruinas em que havia ficado aquella cidade. Soccorrendo os infelizes reduzidos á miseria, fazendo-se acompanhar do insigne architecto Eugenio dos Santos para o levantamento de um novo plano da cidade, que depois executou, coarctando por meios repressivos a rapinagem, Sebastião de Carvalho deu tantas provas de energia, de coragem, de tino administrativo de estadista e de diplomata, que o seu nome será immorredouro nos fastos da historia nacional.

«Se a crítica severa procura no facto das execuções de 13 de janeiro de 1759 motivos para deslustrar a reputação d'este grande homem, é necessario declarar que taes rigores devem ser attribuidos não á crueldade de Sebastião de Carvalho, mas sim á ominosa jurisprudencia d'aquelle tempo.

«Em these uma exposição d'esta ordem é sempre um estimulo.

«São manifestas as vantagens que tanto as artes como as industrias tiram das exposições. Haja vista aos aperfeiçoamentos resultantes das importantissimas exposições d'estes ultimos annos.

«Se o nosso districto não pôde rivalisar ao lado de outros que possuam objectos d'arte e de industria importantes, ainda assim possui elementos para realizar uma exposição digna e altamente instructiva.

* Com relação a arte ornamental não será difficil colleccionar uma excellente quantidade de objectos dignos de admiração pelo seu valor intrinseco, pelo seu merecimento artistico e pela sua notavel raridade.

«Possuindo alguns monumentos notaveis como o castello da Feira, antas e mamoadas em Arouca, o tumulo de Santa Joanna e outros, não ficará envergonhado, pois que outros districtos ha que não possuem nada n'este genero.

«Não é difficil tambem expôr um conjuncto de raridades bibliographicas, cujo merecimento é incontestavel.

«Na parte relativa á ceramica e á industria extractiva nenhum districto pôde rivalisar comnosco com relação á variedade de rochas e metaes e á industria da porcellana.

«Quanto ás outras industrias admissiveis no certamen que se projecta, algumas ha cujos productos não nos deixam envergonhados.

«Não se diga que a arte retrospectiva não offe-

rece curiosidade. É por meio d'ella que se teem feito importantissimas revelações sobre o modo de viver dos antigos povos.

.....

«Hoje, graças ao cosmopolitismo das artes e das sciencias, o gosto eclectico substituiu o exclusivista. O primeiro funda-se na expressão simples da verdade, mas o segundo era subordinado ás regras fixas e invariaveis.

«É portanto importantissimo o estudo da arte antiga. Para se fazer uma ideia da importancia das artes retrospectivas bastará pensar o que seriam as grandes nações do mundo se se lhes fizesse desaparecer da historia os monumentos que elevaram as suas crenças e as obras em que deixaram gravados, por assim dizer, os testemunhos do seu genio.

«Succede aos povos o mesmo que ao homem: não restam depois da sua morte senão cousas emanadas do espirito, isto é, a litteratura e a arte, poemas escriptos e poemas de pedra ou de côr.

«Pelo que diz respeito á industria retrospectiva, é escusado encarecer a sua importancia.

«Como é sabido, toda a industria mostra tres operações: conhecimento das leis da natureza ou missão do sabio; applicação d'aquelle conhecimento

na missão do industrial; execução ou mão d'obra, missão do obreiro.

«Estas tres apposições essenciaes são hoje muito aperfeiçoadas, graças ao progresso e ao melhor conhecimento das leis da natureza.

«Estudar a industria antiga comparando-a com a actual, confrontando-as nos seus variadissimos modos de produzir, é não só um meio directo de illustração social como um incentivo para novos commettimentos.

«Esta commissão, desistindo por agora de entrar em longas divagações ácerca da importancia da exposição que se projecta, tem a honra de chamar a attenção para uma proposta cuja realidade será uma victoria para o *Gremio Moderno*, uma honra para o districto, um padrão de gloria para esta cidade, uma pagina illustrada no livro da civilisação e um meio dignissimo de commemorar o primeiro centenario d'um vulto a quem a patria tanto deve.

.....

«Encarada a questão relativamente á despeza e attendendo ao que se tem despendido com a aquisição e entrega de productos d'este districto para as exposições estrangeiras, esta commissão póde asseverar que o dispendio não irá além de 400\$000 reis.

.....

«A receita poderá constituir-se assim:

«1.º Productos das entradas.

«2.º Idem dos catalogos.

«3.º Idem de photographias de objectos d'arte.

«4.º Um subsidio da Junta Geral.

«5.º Um dito do Governo.

«6.º Productô liquido do numero unico de um jornal commemorativo do primeiro centenario da morte do marquez de Pombal.

«7.º Productos d'um sarau litterario-musical na noute de 8 de maio.

«8.º Subsidio do *Gremio Moderno*, que cubra o resto das despezas, se tanto fôr necessario.»

PROGRAMMA

A exposição será organisada com objectos comprehendidos nos seguintes grupos em que ficará dividida:

1.º Especimens de arte ornamental antiga e moderna existentes n'este districto — 2.º Monumentos historicos, idem — 3.º Raridades bibliographicas, idem — 4.º Productos da industria fabril, idem — 5.º Productos da industria ceramica,

idem — 6.º Productos da industria extractiva, idem — 7.º Productos da industria textil, idem — 8.º Productos das bellas-
artes, idem.

PRIMEIRO GRUPO

Especimens de arte ornamental antiga e moderna
existentes no districto

Secção primeira — **Objectos de metaes preciosos**

a) Alfaias do culto: Custodias, calices, cruces, pyxides, galhetas, thuribulos, navetas, sacras, portas de sacrarior, portapazes, castiçais, campainhas, cordões, resplendores, lampadas, relicarios, baculos, etc.— *b) Obras decorativas para uso domestico*: Jarros, salvas, gomis, bacias, fructeiras, peças de baixella, urnas, caixas, molduras de espelhos, bandejas, utensilios de toucador, etc.— *c) Adornos pessoas*: Brazões, collares, broches, pulseiras, brincos, botões, fivelas, cadêas, condecorações, aneis, relógios, leques não bordados, etc.— *d) Numismatica*: Medalhas e moedas antigas encontradas no districto.

Secção segunda — **Objectos de metaes não preciosos**

a) Obras ornamentadas em ferro: Fechaduras, cofres, aldravas, ferrolhos, chaves, medalhões, candelabros, fogões, etc.— *b) Obras ornamentadas em cobre ou bronze*: Bacias, candieiros, pratos, padrões, campainhas, objectos de uso do-

mestico, alfaias do culto, candelabros, chaves, etc.—*b) Numismatica*: Medalhas e moedas antigas encontradas no districto.

Secção terceira—Armaria e caça

a) Objectos de guerra: Armaduras, escudos, guantes, cotas de malha, adargas, grevas, espadas, adagas, massas d'armas, alabardas, lanças, punhaes, arcabuzes, espingardas, pistolas, etc.—*b) Utensilios de caça*: Polvorinhos, cartucheiras, facas de matto, redes, saccas, etc.

Secção quarta—Aprestes de cavallaria

Arreios, estribos, acicates, cellas, coldres, telizes, xai-reis, etc.

Secção quinta—Esculptura decorativa

Estatuetas, baixos-relevos, imagens religiosas em mar-more, marfim, barro, madeira, etc.

Secção sexta—Mobilia ornatada

a) Objectos d'uso domestico: Mesas, contadores, secretarias, leitos, cadeiras, brazeiras, cofres, moveis marchetados, embutidos e estampados, bahu, espelhos, molduras, estantes, bandejas, armarios, cestos, açafates, etc.—*b) Objectos proprios do culto*: Sacrarios, credencias, estantes de côro, retabulos, tocheiras, etc.

Secção sétima—Mosaicos

a) Objectos de tartaruga: Cofres, caixas de rapé, pentes, etc.—*b) Objectos de madeira*: Cofres, caixas, facas, estojos, etc.

Secção oitava—Bordados em tecidos

a) Paramentos e alfaias de culto: Paramentos de bordados, lhamas de sêda notaveis pela antiguidade ou pela bordadura, casulas, dalmaticas, pluviaes, véos de hombros, véos de calices, frontaes, pavilhões de sacrarior, umbellas, etc.—*b) Tapetes e reposteiros*.—*c) Colchas*.—*d) Rendas*.—*e) Leques bordados*.—*f) Passamanes*.—*g) Bordados em geral*.

Secção nona—Esmaltes, incrustações e porcelanas de qualquer procedencia

a) Azulejos, porcelanas da India, do Japão, etc.—*b) Vidros, garrafas, pratos, vasos, frascos, taças, lustres, castiças, espelhos, objectos de ornato, etc.*—*c) Objectos esmaltados em ouro, prata, cobre, bronze, etc.*

Secção decima—Iluminuras e encadernações

a) Livros religiosos illuminados.—*b) Livros profanos, idem*.—*c) Encadernações notaveis por qualquer motivo*.

SEGUNDO GRUPO

Monumentos historicos do districto

Secção unica

a) Objectos prehistoricos, fosseis, etc.— *b)* Castellos, mesquitas, tumulos, edificios antigos, pelourinhos, antas, mamoas, representadas por photographias, desenho, baixo-relevo ou outro qualquer meio.— *c)* Livros notaveis exclusivamente pela antiguidade.

TERCEIRO GRUPO

Raridades bibliographicas do districto

Secção primeira — Jornaes publicados no districto

a) Jornaes politicos, primeiros numeros.— Jornaes religiosos, idem.— Jornaes quaesquer, idem.

Secção segunda — Livros raros

a) Obras religiosas.— *b)* Obras profanas.

Secção terceira — Autographos

a) Cartas régias, foraes, etc.— *b)* Cartas notaveis pela antiguidade, etc.— *c)* Cartas e documentos escriptos por personagens importantes.

Secção quarta— **Pergaminhos e illuminuras**

- a)* Documentos religiosos.— *b)* Documentos profanos.

QUARTO GRUPO

Productos da industria fabril do districto

Secção primeira — **Chapéos**

- a)* Chapéos de lã.— *b)* Chapéos de pello.— *c)* Chapéos quaesquer.

Secção segunda — **Papel**

- a)* Papel para impressão.— *b)* Papel almasso.— *c)* Papel para embrulho.— *d)* Papel qualquer.

Secção terceira — **Vidro**

- a)* Vidro para vidraça.— *b)* Copos, garrafas, calices, copotas, pratos, fructeiras, etc.— *c)* Objectos de vidro antigo existentes no districto.

QUINTO GRUPO

Productos da industria ceramica do districto

Secção primeira — **Objectos não vidrados**

- a)* Obras de barro (cozido ou não cozido).— *b)* Idem de faiança.— *c)* Idem de porcelana.

Secção segunda— Objectos vidrados

a) Obras de barro.— b) Idem de faiança.— c) Idem de porcelana.

SEXTO GRUPO

Productos da industria extractiva do districto

Secção primeira— Metallurgia

a) Minerios de cobre.— b) Idem de chumbo.— c) Idem de antimonio.— d) Idem de nickel.— e) Idem de cobalto.— f) Idem de manganez.— g) Idem de prata.— h) Idem de estanho.

Secção segunda— Argillas e esmaltes

a) Argillas plasticas.— b) Kaolins.— c) Spathos e feldspathos.— d) Crystaes de rocha.

Secção terceira— Materiaes de construcção

a) Rochas graniticas.— b) Idem schistosas.— c) Ardosias.
d) Rochas calcareas.— e) Grès.— f) Gneiss.— g) Bazaltos e quartzos.

Secção quarta— Combustiveis

a) Carvão petrificado.— b) Anthracite.— c) Lignite.— d) Turfa.

SEPTIMO GRUPO

Productos da industria textil do districto

Secção primeira — **Tecidos de linho**

Pannos, toalhas, guardanapos, colchas, etc.

Secção segunda — **Tecidos de lã**

Casimiras, cheviotes, saragoça, etc.

Secção terceira — **Tecidos de algodão**

Pannos, chales, etc.

bibRIA

OITAVO GRUPO

Productos das bellas-artes existentes no districto

Secção primeira — **Pintura a oleo**

a) Pintura religiosa: Quadros, pannos de camarim, retratos de santos, painéis, etc.— *b) Pintura profana*: Quadros, retratos, paizagens, copias de monumentos, etc.

Secção segunda — **Miniaturas**

a) Trabalhos executados a oleo.— *b) Idem a aguarella, pastel ou crayon*.

Secção terceira — Architectura

a) Projectos de construcções civis, religiosas, ou militares.— *b)* Desenhos de qualquer construcção notavel.— *c)* Modelos de qualquer obra architectonica.

Secção quarta — Desenhos quaesquer

Retratos, paizagens, copias, etc.

Secção quinta — Gravuras e artes de reproducção

a) Gravuras em medalhas.— *b)* Idem em pedras finas.— *c)* Idem em cobre ou aço.— *d)* Idem em agua forte.— *e)* Idem em madeira.— *f)* Lithographia, photographia, phototypia, etc.

Secção sexta — Estatuaria não decorativa

a) Estatuas ou bustos em marmore, bronze, pedra, barro, gesso, cera, etc.— *b)* Animaes em marmore, bronze, pedra, barro, gesso, etc.

Na mesma sessão foi discutido e approvedo este relatorio e programma, sendo votado por aclamação um voto de louvor a Araujo e Silva. Referindo-nos a este facto, dissemos ha annos:

«Em sessão de 3 de fevereiro deu ella (1) conta

(1) A commissão encarregada de dar parecer sobre a exposiçào.

da missão de que havia sido encarregada, apresentando um desenvolvido relatório sobre as vantagens da exposição e o modo de a realizar. Este relatório, e bem assim o programma que o acompanhava, o qual foi adoptado para a exposição, são obra do sr. Araujo e Silva, que com elle comprovou os justos creditos que ha muito goza de engenheiro distincto e escriptor abalisado.» (1)

De redigir a circular pedindo o concurso dos differentes cavalheiros do districto para auxiliarem a exposição com a remessa de productos industriaes, e o emprestimo de objectos de arte ornamental, foi encarregado tambem Araujo e Silva, que se desempenhou do encargo apresentando no dia immediato o respectivo texto, que foi logo assignado pelos vogaes da grande commissão e em seguida expedido.

A circular é esta:

«O *Gremio Moderno de Aveiro*, impondo-se a nobre missão de elevar o nivel moral e material d'este districto por meio de emprehendimentos civilisadores, resolveu commemorar no dia 8 de maio proximo o centenario do grande mar-

(1) *Exposição districtal em 1882*. Reliquias da arte nacional; phototypias de E. Biel & C.^a; texto de Marques Gomes e Joaquim de Vascellos.—Aveiro, *Gremio Moderno*, MDCCCLXXXIII, pag. 9.

quez de Pombal, abrindo n'esta cidade uma exposição de objectos de arte ornamental e de industria, existentes n'este districto.

« Por este meio rendemos homenagem a um grande vulto portuguez e abrimos na nossa circumscripção administrativa uma escola pratica de instrucção districtal.

« Algumas paginas da nossa historia patria estão brilhantemente illustradas com reformas importantes do energico ministro de D. José I, reformas que tiveram em vista inocular n'este paiz os elementos civilisadores.

« Aveiro deve muitissimo a este notavel varão. Em 1775 fundava elle aqui uma fabrica de tecidos de algodão; procurou melhorar as condições da barra, elevou por decreto de 11 de abril de 1759 a villa á categoria de cidade, creou de novo em 4 de setembro de 1760 a nossa comarca e deu-nos em 12 de abril de 1775 o baculo de diocese.

« O marquez de Pombal com a sua dictadura organica, traduzida algumas vezes em tenaz despotismo, soube preparar o terreno em que mais tarde brotou e se desenvolveu a luminosa arvore da liberdade, escrita com letras de bronze em todos os nossos monumentos, com letras de nobre sangue em todos os angulos das nossas gloriosas muralhas e com letras de fogo inextinguivel nos corações generosos de todos os portuguezes.

« Á sua sombra têm surgido, no campo das artes e das sciencias, as invenções estupendas, os melhoramentos surprehendedentes que, tornando cada vez mais estreitas as relações entre os povos, não só estabelecem a mutua confiança

e fraternidade entre os homens, mas até muitas vezes aperfeiçoam de subito o modo de existir das sociedades, physica ou moralmente consideradas.

« N'este extremo da Europa foi o marquez de Pombal a encarnação viva e deslumbrante da famosa revolução que tanto sobredourou os fastos do seculo XVIII.

« Todos os peitos onde pulsa o nome portuguez saberão n'esse dia demonstrar que o espaço d'um seculo não pôde apagar o rasto luminoso, que este grande vulto deixou tracado através do tempo.

« Confiados no alto valimento de V. Ex.^a, e tendo a certeza dos brios patrioticos que o animam, os abaixo assignados, constituídos em commissão nomeada pelo *Gremio Moderno*, solicitam com fervor a indispensavel cooperação de V. Ex.^a, facilitando-nos n'esse concelho a aquisição de objectos que estejam no caso de serem apresentados n'este certamen tão instructivo e civilizador.

« Pela leitura do programma, que temos a honra de enviar, poderá V. Ex.^a conhecer bem a latitude da nossa exposição districtal, para cuja realisação V. Ex.^a de certo não deixará de concorrer com os objectos e meios de acção de que pôde dispôr.

« Não se trata d'uma exposição estrangeira, nem tão pouco se cuida n'um emprehendimento fóra das linhas que contornam a nossa circumscripção administrativa.

« É n'este districto, n'este abençoado torrão, berço de muitos homens illustres, que o *Gremio Moderno* intenta dar

um passo gigante na senda do progresso, demonstrando assim que onde impera a boa vontade de todos desaparecem as dificuldades.

« Não necessita V. Ex.^a de que lhe estejamos a encarar o fim util e instructivo das exposições.

« Como escóla pratica são uma poderosa alavanca para o desenvolvimento das artes e das industrias.

« As exposições suscitam muitas vezes a instituição de associações industriaes, de companhias de commercio, de grandes empresas; e, sendo um estímulo effcaz, levam as artes e as industrias a introduzirem aperfeiçoamentos que nunca teriam logar se taes certamens civilisadores não viessem estabelecer relações de comparação.

« Pelo seu lado historico a arte e a industria retrospectivas levam a estudos importantissimos não só sobre os nossos antigos costumes e estado de adiantamento relativo, mas até sobre factos notaveis e dignos do conhecimento de todos os homens que prezam a civilisação de nossos dias.

« Confiados em que V. Ex.^a, annuindo ao nosso tão patriotico convite, ha de empregar os meios que estiverem ao alcance de V. Ex.^a para que a nossa missão seja coroada de feliz exito em honra e credito d'este districto, temos o prazer de rogar a V. Ex.^a a distincta fineza de nos participar até ao dia ... o resultado das investigações de V. Ex.^a, no que muito nos penhorará.

« Para que n'esse concelho os trabalhos tenham um desenvolvimento compativel com o tempo de que dispomos, foi

nomeada em nossa sessão de hoje uma comissão especial composta de V. Ex.^ª e dos Ex.^{mos} Srs. . . »

Não se limitaram á circular e programma os serviços prestados á exposição pelo conselheiro Araujo e Silva. Foram muito mais além. Em grande parte o exito alcançado por este glorioso certamente foi devido ao distinctissimo engenheiro que, com uma dedicação inegualavel e um trabalho continuo, extenuante, percorreu todas as capitaes dos concelhos do districto e um sem numero de povoações d'elles, de extremo a extremo. Uma parte d'essa perigração artistica, em demanda de objectos d'arte e productos das industrias locais, foi feita muitas vezes sob um sol ardente, a pé, pelos alcantis escavados das serras de Arouca, Paiva e Sever do Vouga, como tivemos occasião de o presenciar, porque o acompanhamos, reconhecendo ao mesmo tempo como era conhecedor d'esta circumscripção administrativa, pois por toda ella tinha dirigido já trabalhos e feito estudos, de fórma que não houve difficuldade que se não vencesse, nem reluctancia que se não debellasse de prompto, e não foram ellas tão poucas.

Foram muitas as preciosidades artisticas, enor-

mes os valores que se englobaram nas salas do edificio das escólas primarias da freguezia de Vera Cruz, onde se realisou a exposição, vindo a maior parte d'ellas para allí por iniciativa unica de Araujo e Silva, e sob a sua responsabilidade pessoal. Por isso, como dissemos, um grande quinhão da gloria resultante da exposição cabe a elle. Bem alto o affirmamos, ainda que isso vá ferir a sua muita modestia, tão grande como o seu merito.

Testemunho eloquente e por todos os titulos insuspeito do que levamos dito, é o que a tal respeito publicou *O Povo de Aveiro*, no seu numero de 28 de maio de 1882 e que passamos a transcrever:

«Recebemos do dignissimo presidente do *Gremio Moderno* a carta que em seguida gostosamente publicamos:

« Amigo e sr. redactor do *Povo de Aveiro*.— Referindo-se n'um dos artigos do n.º 17 do seu jornal, á Exposição de Objectos d'Arte Ornamental e Productos Industriaes do districto, promovida e levada a effeito pelo *Gremio Moderno*, exposição que está causando a admiração d'estranhos e patenteando a indifferença d'esta boa cidade por tudo quanto é

nobre e alevantado, apresenta v. o meu humilde nome na cabeceira do rol dos que mais dedicadamente se sacrificaram para a realização d'este tão notavel certamen. Permitta-me v. que eu offereça uma rectificação ao artigo de que fallo.

« Na relação dos individuos que v. cita, como sendo os que mais se esforçaram para que a exposição se effectuasse, faltam os nomes dos ex.^{mos} srs. Mendes Leite, Araujo e Silva e Joaquim de Mello Freitas.

« O nome de quem assigna estas linhas, se tem de entrar na relação, deve occupar o ultimo lugar. Apenas defendi em sessão do *Gremio* o parecer da comissão especial, de que o sr. Araujo e Silva foi relator, sob proposta do sr. Marques Gomes.

« Approvado o parecer os meus serviços limitaram-se a concorrer ás sessões das comissões encarregadas de levar a effeito a exposição e a prestar algum mas insignificante auxilio na installação dos objectos. Aberta a exposição apenas ali tenho ido admirar o que se encontra exposto. Nada mais.

« Entre os nomes que peço inclua na referida relação, especialiso, pelos seus serviços, o do sr. Araujo e Silva, que deve ser collocado no primeiro plano, a par do de Marques Gomes. Se este iniciou a ideia e tem dedicado á sua realização, durante

tres mezes, constante trabalho e corajosa actividade, aquelle segue em linha perfeitamente parallela, com sacrificio de tempo, com admiravel dedicação e não pequeno dispendio de dinheiro.

«V. louvando os que tanto concorreram para pôr em pratica o que á maior parte se afigurou uma ideia de cabeças *juvenis*, distancia-se do meio imbecil e egoista em que vivemos.

«Não querendo gloria que me não caiba de direito, permitta-me que retire o meu nome de entre os que devem ser galardoados pelos applausos dos homens de coração.

«É tanto mais necessario isto, quanto por ahi já andam amesquinhando a obra dos benemeritos e tomando, como gastos em divertimento, os dias perdidos por esse districto fóra, em busca de objectos raros, e as quantias sahidas dos proprios bolsos dos commissarios, para pagamento das despesas que essa peregrinação acarretou.

«Peço a inserção d'estas linhas como rectificação á falta involuntaria de v. e como protesto contra as indignidades que se estão commettendo, a proposito da exposiçãõ.

«Creia-me de v., amigo obrigado,

F. Regalla.»

Aveiro, 22 de maio de 1882.

« Quando no numero passado d'este jornal nós nos occupamos da exposição, apontando os nomes dos individuos que mais concorreram para este brioso emprehendimento, que tem sido desdenhado e ridicularisado por uma *troupe* anonyma de nescios e despeitados, não tivemos em vista ter em menos conta os serviços prestados pelos srs. Araujo e Silva, Joaquim de Mello Freitas e Manoel José Mendes Leite. Pelo contrario. No intuito de fazer justiça e esclarecer a opinião é que assim procedemos.

« E tanto não tivemos intenção de desconsiderar estes senhores, que o cidadão Joaquim de Mello Freitas, que temos na conta de um correligionario convicto, deixou de ir incluído na lista dos benemeritos d'aquelle certamen, por estarmos mal informados. Foi apenas por uma carencia de informações que omittimos os nomes dos tres illustres cidadãos. Folgamos portanto de rectificar a verdade.

« Emquanto ao esclarecido presidente do *Gremio Moderno*, só a sua muita modestia o inhibe de não querer para si uma parte importante da gloria que lhe cabe na fecunda realisação da nossa primeira exposição districtal.»

Do que foi a exposição não seremos nós o chronista. Sêl-o-hão tres distinctos jornalistas, que de Lisboa vieram propositadamente a Aveiro para a visitar. Reproduzindo aqui uma parte do que disseram Eduardo Coelho, Nicolau de Brito e Augusto Ribeiro sobre esse brilhantissimo certamen, levantamos mais um monumento á gloria que d'elle resultou a Araujo e Silva.

No n.º 5:855 do *Diario de Noticias* de 20 de maio de 1882, escrevia Eduardo Coelho:

A exposição. — Continuação da de Lisboa. — As fabricas. — Sua valia. — Indicações geraes. — Um montante de Aljubarrota.

«A exposição acha-se installada no edificio da escola publica da freguezia de Vera-Cruz, para os dois sexos, inaugurada pela occasião do centenario de Camões, e agora denominada *Escola Pombal*. Este edificio é de um só pavimento, e composto de duas salas, tendo ao centro um salão principal, e de dois gabinetes, tudo communicado entre si.

.....

« A impressão que me produziu a entrada na exposição, ao relancear a vista pelas salas e gabinetes que a abrangem, foi a de que estava no interior do palacio do muzeu nacional de bellas artes examinando a continuação das collecções da exposição de arte ornamental, porque vestiam as paredes, estacionavam nos sobrados e enchiam as vitrines e os armarios, em disposição carinhosa e delicadamente cuidada, uma quantidade infinita de objectos das classes e generos dos que ali teem deslumbrado a vista do publico, muitos da mesma brilhante apparencia, alguns tão bons e de igual valia, e no seu conjuncto collecções tão apparatusas, como muitas das que opulentam aquella revista de preciosidades historicas e artisticas. Parece com effeito a exposição districtal aveirense uma continuação da de Lisboa, de que realmente é filha mais ou menos legitima e constitue um facto de tal significação e importancia, que desde logo se sente o desejo de felicitar e animar o pequeno e illustradissimo grupo de cavalheiros que a promoveram e installaram com tanto gosto, criterio e enthusiasmo, honrando a sua terra e estabelecendo um exemplo que deve ter seguidores em outros districtos, para que enfim se possa fazer o inventario completo das nossas riquezas artisticas, ro-

bustecer e vivificar o nosso acanhado espirito artistico, mergulhando-o e embebendo-o na substanciosa lição do passado, e aquecendo-o á luz das suas tradições magnificas.

Foram longos os trabalhos, grandes os sacrificios, mas farta a colheita dos organisadores, lavrando, aliás, em terreno já esterilizado pela ausencia de muitos exemplares de valia levados para o palacio das Janellas Verdes. Honra aos membros do *Gremio Moderno*, de Aveiro, moderno nas suas levantadas aspirações e n'esta brilhante prova que dá da sinceridade d'ellas.

«São mais de 700 os objectos expostos no grupo de arte ornamental, antiga e moderna, e que abrangem a ourivesaria religiosa, ou as alfaias do culto, as peças de uso domestico e de ostentação, taes como baixella de mesa, de sala e de *toilette*, adornos e ornatos; paramentos, colxas, reposteiros, vestuarios, mobilia, louças, joias, tecidos de diversas especies, bordados, armaria, arreios e jaezes, quadros, esculpturas, architectura; livros illuminados e illustrados, edições raras de livreria religiosa, codices e pergaminhos, e autographos.

«Além d'este grupo importante, o outro que fôrma a exposição industrial, abrangendo a brilhante secção com os productos da fabrica da Vista Ale-

gre, outro da fabrica de vidros do Côvo, talvez mais de 500 objectos as duas fabricas, louça de barro ordinario preta, côr de chumbo e vermelha; uma collecção de amostras de tecidos de lã da fabrica de Oliveira de Azemeis, pannos pretos, casimiras, baêtas, brixes, chailes, chapêus; materiaes de construcção, taes como lousas, pedras, cimento; uma interessante secção mineralogica das minas de Telhadella, Palhal, etc.

«As paredes das salas estão cobertas ou pelas magnificas estantes e armarios de talha antiga, adaptada a fôrmas modernas, e cheios das preciosidades expostas, ou pelos ricos buffetes de pau santo e varias incrustações, ou pelos tecidos, reposteiros, frontaes, quadros, ou por uma serie de objectos curiosos, pelas exposições de vidro, louça e porcellana, faiance, muitos pratos de valia. Destacam-se por entre as cruces, reposteiros e os frontaes os ricos pendões municipaes de Aveiro, Mira (?), Ilhavo e outros concelhos do districto. Não é possivel, n'uma visita rapida e cheia de distracções, resenhar sequer as impressões recebidas, individualisar as cousas mais notaveis, accentuar o merito das principaes.

«N'um telegramma publicado no *Diario de Noticias* de 15, davamos uma indicação geral. Pouco podemos especialisar, expositores e colleccionado-

res, e muito menos apreciar. Na exposição do trabalho moderno ou industrial já preferimos Vista Alegre, Côvo, Oliveira de Azemeis e Braçal.

«A exposição da Vista Alegre domina no seu throno, no tampo da sala principal, com muitos desenhos dourados e a côres e de fórmãs escolhidas entre os melhores modelos estrangeiros, e algumas esculpturas muito correctas.

«A fabrica de vidros do Côvo, em que hoje se notam muitos aperfeiçoamentos, principalmente nos objectos de uso domestico, e de vidros de côres, serviços de mesa e *toilette*, etc., existe desde 1690; emprega trinta e oito artistas, operarios e trabalhadores e aprendizes.

«A de Oliveira de Azemeis, que já dissemos competir em alguns productos com as fabricas similares, emprega um pessoal de sessenta individuos, tendo recebido o mestre geral e de cerdos da Covilhã. A sua producção annual orça por 32 contos. Os seus mercados são o norte. O seu motor é a agua. Não tem nenhum caracteristico especial de processos de trabalhos ou productos.

«Os minerios do Braçal, Malhada e Coval da Mó, Freixial e Monsaraz, são amostras dos jazigos d'essas tres empresas mineralogicas e metallurgicas; uma de exploração e tratamento do minerio de

chumbo, 2:389 toneladas por anno. O processo é allemão. A fundição tem alto forno. O mercado no reino; preço, 60 a 70 réis o kilo. A outra é de manganez; 80 homens; 3:000 toneladas; 40 a 50 contos. Mercado no Porto. Outra orça pela mesma importancia.

«A louça de barro vidrado é de Cojo. Fórmãs vulgares. Producção annual, um conto de reis. Vidra com o chumbo do Braçal.

«Os chapéus de lã para homem, expostos, são de um grande centro de producção no genero das fabricas de Oliveira de Azemeis. A maior é S. João da Madeira; 48:000 chapeus. Todas, produzem 160:000 chapeus, no valor de 100 contos. Mercados: Alemtejo e Algarve. Lã do Alemtejo. Operarios, 800. Preço dos chapéus, de 240 a 1\$300 réis.

«O papel exposto é das fabricas de Paços de Brandão e Feira. São pardos e de embrulho. Produzem 150:000 kilos por anno.

«Estão expostas mascaras de cêra de muito merito artistico.

«Na arte ornamental dois sobresáem como possuidores dos mais numerosos e melhores exemplares: Mendes Leite e Martinho Montenegro. Estes são os dois triumphadores, aquelles a quem um amor de muitos, um verdadeiro fanatismo pela Arte

e pela tradição, levou desde muitos annos a capitalisar peça por peça esses thesouros artisticos, que o são tambem de paciente civismo, que salva á voragem da cubiça e da ignorancia muitas preciosidades. Mendes Leite, um dos soldados do batalhão academico no cêrco do Porto, o incansavel lutador liberal de todas as épocas, colheu nas lições da emigração, por Inglaterra e França, e no longo trato da vida, uma illustração superior. As joias e os objectos de adorno pessoal estão em vitrines collocadas sobre mesas de pé torcido. O principal armario de talha contém muitas e vistosas peças de ourivesaria religiosa e de uso domestico, custodias, pyxides, calix, tres Christos, salvas, bacias, jarros, guarnições, etc., havendo algumas custodias da renascença, de bom estylo. O lavôr de uma das salvas de prata rebatida contém um galeão sulcando as ondas, onde se vêem peixes de bom desenho, e que têm a palavra « Amorim ». Sobre a mesa estão tres custodias, uma transição do estylo gothico para o classico, duas cruzes da renascença e uma de metal, que tem a data de 1565. Está alli o antigo baculo do bispado, que é uma reliquia religiosa. Uma vitrine encerra louças e porcelanas do Japão, Sèvres e Saxe, alguns exemplares de muito valor. Ha um serviço de Sèvres, que dizem ser pre-

sente de Luiz Filippe para a imperatriz, contendo retratos de diversos maestros, e tendo os pires pintados trechos de musica, composição dos mesmos auctores. Os moveis mais notados n'esta sala são uns contadores indianos com embutidos de espinheiro, e um nacional, de pau santo, com tremidos. É aqui que está o rico serviço de *toilette* de prata cinzelada com diversos relevos allegoricos mythologicos. Ha leques, anneis, berloques, collares e caixas interessantes e de merito real. Outros, que são recordações historicas. Na exposição foi-me mostrado por um cavalleiro, que tem a gloria do nome de Fernandes Thomaz, o relógio do eximio patriota, relógio que talvez fosse o que marcou a hora da memoranda revolução pacifica de 1820.

« Já indiquei no meu telegramma de 14 o capote e montante de um cavalleiro de Aljubarrota, arma formidavel que parece ter pertencido a uma raça de gigantes. »

Devia-se escrever uma historia das industrias e das bellas artes portuguezas.—Quadros.—Outros objectos.

«Por entre a diversidade de documentos, que já registramos, da nossa historia das bellas artes e das nossas industrias, accumulados na exposição e pertencentes ao adorno das casas e das pessoas, acompanhando o avultado grupo das alfaias e paramentos do culto, ha alguns elementos ethologicos, trages, armas, uniformes. N'este ponto tem-se deixado perder ou dispersar em todo o paiz os verdadeiros thesouros que possuíamos, d'uma opulencia salomonica, o que nos priva de um dia, que já não virá cedo, podermos organizar a historia dos trages nacionaes, que tão importantes subsidios daria a uma historia geral da nação. Ha alguns quadros a oleo de merito; o melhor e de mais vulto foi tocado já pelo dedo sacrilego da ignorancia.

«É este uma tela vasta de muitas figuras, representando a apparição da Virgem a varios portuguezes, um dos quaes tem capa de asperges, e por emblema as armas reaes. A Virgem, apparece no alto, cercada pelos anjos, a dois grupos que em baixo a reverenceiam. Filiam esta tela na denominada es-

côla de Grão Vasco; mas ha quem a julgue posterior ao periodo em que ella dominou. Os amadores vêem-se forçados a attribuir a essa escola, ainda mal definida, muitas das telas numerosas, que se têm encontrado disseminadas por conventos, egrejas e capellas, e que são evidentemente productos de artistas nacionaes, que exerceram a arte com prodigiosa fecundidade desde os fins do seculo XVI até depois do meado do XVII. O que é certo é que o quadro é uma composição franca, de traço energico e colorido vigoroso. A Virgem e os seraphins, do plano mais elevado, soffreram evidentemente uma restauração barbaresca, que os estragou: os dois grupos de sacerdotes nos planos inferiores têm cabeças magnificas, de expressão vivissima, pintadas com suavidade e muita transparencia, na maneira dos discipulos de Raphael. O outro quadro é sobre cobre representando Nossa Senhora e o Menino Jesus, entre um côro de anjos, que esvoaçavam por nuvens transparentes, mostrando as cabecinhas louras, como a do menino, e os rostos graciosos como o d'elle e a Virgem, de um colorido encantador. Dizem que este quadro pertencia a José Bonaparte, em cujas malas foi encontrado quando o nosso illustre general Avillez lhe aprisionou a carruagem na batalha de Victoria (França), ganha

pelo exercito anglo-luso na manhã de 24 de julho de 1813, tendo o irmão de Napoleão fugido a cavallo. Pertence a Mendes Leite, que o conserva com justo orgulho.

«Uma gravura representando Lisboa no XVIII seculo, a collecção de relogios esmaltados, os curiosos anneis e berloques, algumas miniaturas, adereços montados em prata, cruces de brilhantes, uns baixos relevos em marfim são objectos que não escapam á observação do *touriste*. Já indicámos na resenha geral os leques da vitrine especial, onde se tornam notaveis dois de delicadissima pintura, graciosas scenas campestres do estylo de Antonio Watteau, e outros de épocas anteriores e posteriores. Ultimamente chegaram, entre diversos especimens, uma jardineira montada sobre um tronco de murta rustico, de forma caprichosa, um *étagère*. Entre as esculpturas antigas em madeira coloridas, ha um curioso oratorio portatil. Na collecção dos foraes de varios concelhos ha exemplares raros, de letras e emblemas coloridos muito engenhosos. Tambem se impõe, como curiosidade de valor, um canto do bello e apaixonado poema de Espronceda, *A Teresa*, escripto á penna e ornado de silvas de flores coloridas, illuminuras modernas de muito gosto e paciencia. O serviço de *toilette*, de prata batida, com

allegorias em alto relevo, obra feita na India Portuguesa, sobre desenhos *ad hoc*. As nossas rapidas notas não alcançam mais miudos e exactos pormenores.»

Ainda sobre a exposição de Aveiro, publicou *O Diario de Noticias*:

Os quadros encontrados na bagagem de José Bonaparte em Victoria.—Esclarecimento.

«Do sr. visconde do Reguengo recebemos a seguinte carta, que esclarece um ponto interessante de historia artistica. Fallando de um dos quadros da exposição districtal, escrevemos: «Dizem que este quadro pertencia a José Bonaparte, em cujas malas foi encontrado quando o nosso illustre general José de Avillez lhe aprisionou a carruagem na batalha de Victoria (França), etc.» O sr. visconde rectifica:

« . . . Sr. Eduardo Coelho.

«Tendo lido no muito apreciado jornal *Diario de Noticias* n.º 5:857, de 22 de maio do presente

anno, que na exposição districtal de Aveiro se encontra um quadro, sobre cobre, que se pretende ter sido encontrado na carruagem de José Bonaparte, na batalha de Victoria, pelo general Avillez, cumpre-me dizer que me parece haver engano n'esta pretensão, pois que os quadros encontrados na carruagem de José Bonaparte, na batalha de Victoria, por meu avô o conde de Avillez, são dois, os quaes eu possuo por dadiua de minha avó, a condessa de Avillez, D. Joaquina, que, com seu marido, assistiu áquella batalha, e que, como recordação, os conservou sempre, até que m'os presenteou. Não pretendo negar a boa fé com que o possuidor do quadro lhe attribue aquella origem, porém tenho a certeza que os dois quadros que por meu avô foram encontrados na carruagem de José Bonaparte, na batalha de Victoria, os possuo eu, e por isso tomo a liberdade de fazer esta rectificação á noticia dada por v.

«Creia-me v. etc.

Visconde de Reguengo.»

Sua casa, C. das Necessidades n.º 2

22 de maio de 1882.

O quadro em questão foi exposto pelo sr. Domingos Ferreira Pinto Basto, que fôra casado com a filha primogenita do general conde de Avillez, D. Joaquina de Avillez, e que o reputou sempre como havendo sido apprehendido a José Bonaparte, após a acção de Victoria, por seu fallecido sogro, e com esta designação o incluimos no *Catálogo*. (1)

Sobre a exposição, publicou tambem *O Commercio de Portugal* interessantissimos artigos. De dois d'elles destacamos estes periodos:

bibRIA

Exposição districtal de Aveiro

«A ideia d'esta exposição, o pensamento de a realisar, a perseverança e a bôa vontade com que se levou a effeito, estão muito acima ainda da exposição, aliás digna de todo o elogio, e relativamente muito curiosa, principalmente se, como é de justiça, quizermos attender a que o districto cedeu em beneficio da exposição ornamental de Lisboa peças

(1) *Catálogo da exposição districtal de Aveiro*, promovida pelo *Gremio Moderno* em 1882.—Porto, Imprensa Commercial, 1883, pag. 71.

importantes, que por este motivo não figuram na exposição de Aveiro.

«O local escolhido para a exposição foi a escola municipal d'esta cidade, nas melhores condições para o fim a que interinamente a destinaram, que a transformou apenas por este facto, temporariamente, de escola de crianças em escola de adultos, ficando sempre na sua mesma missão de ensinar e civilisar, e não apostatando por conseguinte a sua religião evangelisadora.

«Os objectos expostos occupam quatro salas, recommendando-se pela boa disposição com que alli estão distribuidos os objectos expostos, trabalho devido aos cavalheiros influentes para este acto benemerito e civilisador.»

(N. de B.— *Commercio de Portugal* n.º 866,
de 16 de maio de 1882.)

«A exposição districtal de Aveiro não nos assombrou, nem podia assombrar, porque está longe de ter aquelle grande cunho imponente, esmagador, que distingue os grandes certamens industriaes e agricolas modernos. Impressionou-nos, porém, profundamente. Presente-se alli aquella renovação

crecente de vigor e de vida, que nos enfermos, após dolorosa prostração e perigos, dominados pela sciencia, denuncia a entrada em difficil convalescença, tornando porém evidente a necessidade de muitos cuidados e desvelos para não cahir. Este facto torna-se ainda mais sensivel, a quem, como nós, póde desafogadamente estabelecer confronto entre os elementos de actividade revelados na exposição e a decadencia que infelizmente se nota em todo o districto, fatalmente accelerada por um indifferentismo, que impressiona dolorosamente não só os naturaes, mas ainda mais os estranhos.»

(A. B.— *Commercio de Portugal* n.º 868, de 18 de maio de 1882.)

Um jornal do Porto, *A Folha Nova*, que mandou a Aveiro um dos seus redactores, occupou-se tambem largamente da exposição. N'um dos seus artigos lia-se:

«Uma commissão préviamente organisada para esse fim, percorreu todo o districto de Aveiro, visitando os principaes estabelecimentos, os logares mais importantes, e solicitando de varios individuos

e corporações o auxilio que podiam dispensar-lhes.

«Foi assim que se reuniram alli collecções retrospectivas de arte ornamental, muitos objectos de valor archeologico e se fizeram representar pelos seus productos alguns estabelecimentos fabrís e minas.

«Vimos já que esta commissão dera mais cuidado á colheita de objectos de arte ornamental passada, que á d'aquelles que, segundo a nossa opinião, maior valor téem como documento da actividade dos nossos dias. Não é porém isso motivo para que deixemos de passar em revista esta parte, que aliás tem seu merecimento proprio.

«De resto, a commissão, dando-lhe a preponderancia alludida, buscou corresponder a um ideal de certo genero, e nós não temos o direito de substituir o nosso ideal pelo de cada um.

«O que é certo é que, devido especialmente aos esforços do sr. Marques Gomes, um paciente investigador de todas as antigualhas, com um largo conhecimento da historia, e á sabia direcção dada pelos srs. Mendes Leite, governador civil do districto, dr. Barbosa de Magalhães, dr. Mello Freitas e Carlos de Faria, conseguiu-se reunir no recinto do edificio onde está a exposição um grande numero de exemplares de valor.»

Referindo-nos a este artigo da *Folha Nova*, escrevemos, então, no n.º 3:098 do *Campeão das Províncias*, de 7 de junho de 1882:

«Ao que ahi fica transcripto, já respondemos no nosso primeiro artigo, para que o repitamos de novo.

«Agradecendo agora ao collega as palavras altamente honrosas, mas immerecidas, que nos dirige, pedimos licença para rectificar tambem a parte que diz respeito aos organisadores da exposição.

«Nada se me deve na realisação da exposição, a não ser a ideia inicial d'ella, e o haver percorrido parte do districto com o sr. A. Ferreira de Araujo e Silva, afim de colleccionar os objectos que a compõem. A este cavalheiro e não a mim é que se deve em grande parte o realisar-se o modesto tentamen, que sendo como é um simples ensaio, não deshonra, antes pelo contrario nobilita este districto. Alliando a uma illustração muito pouco vulgar uma grande actividade e ainda mais modestia, consagrou-se por tal fórma á ideia da exposição, que esta logrou vingar, apesar de todas as contrariedades que lhe impediam a marcha e da indifferença de muitos, para quem, durante muito tempo, não passou d'uma utopia.»

Um dos alvitres apresentados por Araujo e Silva no seu magnifico relatorio sobre a projectada exposiçãõ que tão brilhante exito veio alcançar, como fica dito, foi a publicaçãõ d'um numero unico d'um jornal consagrado á memoria de Pombal. Approvada a ideia, como todas as outras alli expostas, fez-se aquella, sahindo no dia 8 de maio o jornal, formato *in-folium*, com 25 paginas a duas columnas, illustrado com o retrato do marquez, com o titulo: «*Ao marquez de Pombal — Homenagem do Gremio Moderno*», e com a collaboraçãõ exclusiva de individuos naturaes do districto de Aveiro, a saber: D. Branca de Carvalho, A. D. Pinheiro e Silva, A. F. de Araujo e Silva, Agostinho Melicio, Albano Coutinho, Alexandre da Conceiçãõ, Antonio Augusto de Araujo e Mello, Bento F. S. Guimarães, Carlos Faria, Fernando de Vilhena, F. Homem Christo, F. A. da Fonseca Regalla, Francisco de Magalhães, J. A. Marques Gomes, Jayme de Magalhães Lima, J. C. Miranda, J. C. d'Almeida Vilhena, J. M. Barbosa de Magalhães, João Nepomuceno Rebello Vallente, Joaquim da Costa Cascaes, J. de Mello Freitas, J. A. Franco, Lourenço d'Almeida Medeiros, Manoel de Mello Freitas, Roberto Alves, R. Vieira e Vicente de Moura.

A colaboração de Araujo e Silva foi esta poesia
inserta a pag. 13:

SALVÈ! MARQUEZ DE POMBAL!

Salvè! salvè! ó heroe de tantos feitos!
O teu renome illustre encontra preitos
Em nossos corações!
De teu grandioso vulto a ingente fama
Entoa em toda a Europa, e proclama
A patria de Camões!

Foste a encarnação viva e radiante
Da ideia do progresso palpitante,
Que o occidente dourou!
Empunhando o teu sceptro de reforma
Para as leis d'este povo déste a norma,
Que teu genio insufflou!

A patria tu ouviste lamentar-se;
A vaga do teu Tejo espadanar-se
N'um montão de ruinas;
E, firme entre os escombros e desgraças,
Um plano gigantesco logo traças
Sob o pendão das quinas!

Se crebros os terraqueos movimentos
Da rainha do oceano os fundamentos
 Por terra derrocaram,
Da constancia e grandeza da tua alma
Surgira essa cidade, a nobre palma
 Que estranhos te invejaram!

Mais que teu proprio rei a patria reges;
Bussolas de teu norte, só proteges
 Fachos da nova aurora;
Se os nobres de tyranno te alcunharam
Nas sombras do passado se afundaram,
 Fulgindo tu agora! . . .

As letras, as industrias e as artes
Surgem á tua voz em baluartes,
 Que o progresso firmou;
E dando á velha Europa nobre exemplo,
Os negros vendilhões do sacro templo
 Tua dextra expulsou!

Que importa da nobreza a guerra dura,
Tramada em senda negra e á procura
 D'um fallaz ostracismo?
Teu pulso de gigante das algemas
Os élos transformara em diademas
 Dourados de civismo!

Foste um heroe; teu genio firme, ardente,
Altivo, luminoso, altipotente,
Tudo soube vencer!
Na senda do progresso, que traçaste,
Os collossos das trevas derrubaste
Para a luz florescer! . . .

Teu vulto magestoso e deslumbrante
Ha-de, atravez do tempo, triumphante
Nossa historia illustrar;
Não fenecem os feitos grandiosos;
Cada peito dos lusos valorosos
Erguer-te-ha um altar!

Avê! gigante heroe! a ardente chamma,
Que ainda após um sec'lo nos derrama
Sciencia e igualdade,
Em letras d'aureo fogo a patria adora;
Com teu famoso titulo se inflora
Na luz da liberdade!

E tu, Veneza luz, que despertas
Aos brilhos da homenagem, que hoje offertas
Sob ceu de Portugal,
Bemdirás com justiça a lealdade
Com que sempre tratara esta cidade
O Marquez de Pombal!

Avante, cidadãos! . . . é hoje o dia
Em que fulgida ha um sec'lo se extingua
A luz d'um dos pharoes;
Seja o civico preto do progresso
Nossa c'rôa de rosas sobre o ingresso
Do pantheon dos heroes!

Os talentos poeticos de Araujo e Silva estão comprovados em muitas outras composições de elevado merito. Em 18 de maio de 1884 offerecemos como prenda de ~~bons~~ annos ao nosso saudoso padrinho o velho e honradissimo liberal, Manoel José Mendes Leite, um opusculo em que inalteciam os seus meritos e serviços alguns dos mais notaveis escriptores e jornalistas d'então, taes como: Affonso de Castro, Albano de Mello, Albano Coutinho, Alberto Pimentel, A. A. de Sousa Maia, Cunha Belem, Arthur Ravara, Bento Guimarães, Brito Aranha, Bulhão Pato, Camillo Castello Branco, Clemente José dos Santos, Conde de Samodães, Padre Patricio, F. Gomes de Amorim, Eduardo Coelho, A. X. Rodrigues Cordeiro, Alexandre da Conceição, Alexandre de Seabra, Jayme de Magalhães Lima, Joaquim da Costa Cascaes, Joaquim Martins de Carvalho, J. de Mello Freitas, F. Regalla, Augusto Ribeiro, Jeronymo de Moraes

Sarmiento, Bento Carqueja, Carlos Faria, Eduardo Coelho, José Luciano de Castro, Fernando de Vilhena, J. Palha, José Caldas, José Silvestre Ribeiro, J. C. de Moraes Sarmiento, Rodrigues de Freitas, Alves Mendes, Mendes Leal, Francisco de Magalhães, Joaquim de Araujo, Thomaz de Carvalho, Almeida Vilhena, Lourenço d'Almeida Medeiros, Manoel Firmino d'Almeida Maia, Luiz de Magalhães, Oliveira Martins, Rodrigues Vieira, Sergio de Castro, Simão José da Luz Soriano, Thomaz de Carvalho, Thomaz Ribeiro, Visconde de Ouguella, etc. N'este opusculo, cujo valor é facil de calcular, encontra-se esta poesia ⁽¹⁾ de Araujo e Silva, que Mendes Leite muito e muito apreciou, como tivemos occasião de presenciar.

(1) Além da poesia de Araujo e Silva, encontram-se alli versos de J. da Costa Cascaes, F. Regalla, Mendes Leal, etc.

O MEU BOUQUET

A UMA VENERANDA RELIQUIA DAS LIBERDADES PATRIAS

(No dia do seu 75.º anniversario natalicio)

*Et vos, o lauri, carpam, et te proxima myrthe
Sic positae, quoniam suaves miscetis odores.*

(Virgilio-Eglogas)

V adornam tua Alma, e da patria nos do
O nobre braço d'essas glorias famosas,
G rinaldas, que aos gritos das guerras fulgindo
R eluzem cobrindo mil frentes honrosas!

V lém... com saudades... por mar emigrando,
N o exilio tisnado em infidas tormentas,
D etestas d'indignos feudaes a grandeza
E ao povo a defesa em teu peito sustentas!

L onginhas as plantas que livres, felizes,
I ngentes raizes nutriram fieis,
B emdizem d'um bravo teus brilhos tão bellos,
E smagam os bellos d'algumas cruéis!

R ugentes os mares em um cerco singrando,
R o Porto prestando da espalda uma parte,
L aurêas da Lysia seus lusos talentos,
M inoras tormentos dos monstros de arte!

A' voz—liberdAde—esta pAtria se encAnta;
 Na historia implAnta teus nobres annAes;
 Orgulho d'um pOvo, em honrOsos fulgOres,
 E's um dos mElhores guerrEiros leaEes!

Laboras em Lais, que teus Lusus promulgam,
 Lustissimas Lulgam, por Lus festeLadas;
 Oppondo-te em cO^ortes a imposto de morte
 Sustentas com sorte propositas ou sadas!

E se optimas vE mos no rEino potEentes
 E marchando freE mentes as E machinas E mil,
 E' bello dizE er que em progrE sso se accE ndem
 E nas zonas que feE ndem sob fundos de aE nil!

Do Olympo se Descem deidades rendE er-te,
 E em honra trazE er-te, seu prE fitto e laurel,
 Saúdam-te S empre teus Santos thesOiros
 Louvando-te os L oiros d'um L uso fiel!

E se hoje contE ntes, leaEes, verdadeEiros,
 Immúnes romeLros te brE ndam, te enfeLtam,
 Teus annos cantando t'os T ornam eTernos,
 E todos em tE rnos amplexos te estreE itam!

Aveiro, 18 de maio de 1884.

A 3 de julho de 1886 fallecia no antigo e vasto convento de Arouca a ultima das suas religiosas professoras, que o mesmo é dizer que se cerraram para sempre as portas d'aquella instituição de seculos, e principiou o desmoronar progressivo d'esse monumento historico, cujas origens vinham embandando desde a infancia o claro espirito de Araujo e Silva. Como a nós outros, admirador das grandezas do passado, impressionou-o a ideia de vêr condemnada ao mais cruel abandono essa magnifica fabrica que, pela sua solidez, parecia desafiar os seculos por vir; desencantou, de entre os seus papeis, os magnificos versos que compozera n'uma hora ferida das suas occupações officiaes e em que descrevera as origens historicas do mosteiro. Relido o manuscrito, deu-se pressa em o entregar á publicidade n'um elegante opusculo de 17 paginas, com o titulo: «*O mosteiro de Arouca, lenda historica*, por A. F. de Araujo e Silva, engenheiro civil,» e para que escreveu uma interessante Introducção, datada de 8 de julho de 1886, d'onde extrahimos estes periodos:

«Erecto no fundo e ao fim de um valle estreitissimo, rodeado de gigantes montanhas, uma das

quaes eleva a sua crista a mil noventa e oito metros acima do mar ou oitocentos e trinta sobre a base do mosteiro, longe dos centros da industria, totalmente improprio para qualquer fim profano, o convento de Arouca, rico e sumptuoso, intrinsecamente fallando, mas de valor quasi nullo quanto á sua situação topographica, seguirá o destino de outros nossos bellos monumentos conhecidos hoje simplesmente pelos denegridos e dispersos escombros, se o governo não obstar a este crime de lesa nacionalidade, mandando considerar, por dever da monarchia, o real mosteiro d'Arouca como monumento historico e provendo assim á respectiva conservação.»

Araujo e Silva, durante a sua estada em Aveiro, collaborou por bastantes vezes no *Campeão das Provincias, Districto de Aveiro e Locomotiva*, e era aqui o correspondente do conceituadissimo jornal *O Commercio do Porto*, onde, depois da sua transferencia para a cidade invicta, tem publicado brilhantes artigos, occultando o mais das vezes o seu nome.

No *Ecco de Portugal e Brazil* publicou tambem uma interessantissima serie de artigos sobre o porto

de Leixões e possibilidade do melhoramento da barra do Porto, artigos que foram reunidos n'um opusculo que foi distribuido na camara dos srs. deputados em 1879. D'elles, dá-nos noticia, com a sua incontestavel competencia, o erudito escriptor e distinctissimo engenheiro, sr. conselheiro Adolpho Loureiro, na sua esplendida obra *Os portos marittimos de Portugal e ilhas adjacentes* (Vol. 1, pag. 312) aonde se lê:

« *Projecto de um engenheiro civil portuguez.* — Este projecto, que se attribue a um distincto engenheiro, que modestamente quiz conservar occulto o seu nome, desejo que deve ser respeitado, foi publicado no jornal *Ecco de Portugal e Brazil*, e consiste, segundo o seu auctor o descreve, em tres secções principaes, a saber: um ante-porto, um novo alveo para o rio, e uma bacia de ancoragem.

« O ante-porto é fechado do N. por um molhe em continuação do de Felgueiras, do largo por outro em linha recta e na direcção N. S., e do S. por um novo molhe em continuação do dique, que fixa pelo N. o novo canal da entrada. Do lado de terra é o ante-porto fechado por outro molhe na direcção approximadamente, do eixo do cabedello, no qual

são dispostas sete aberturas em comunicação com o Douro, a do centro de 30 metros de largura e as outras de 20 metros. O acesso ao ante-porto seria feito por uma entrada de 200 metros de largura, fixada por *musoirs*, ou torres, e voltada proxima-mente a W.

«O canal de entrada, que teria 300 metros de largura, seria em linha recta, prolongando-se pelo mar dentro 500 ou 600 metros, e communicando-se com o Douro nas alturas do Ouro. Um molhe trans-versal, partindo d'este ponto obliquamente ao rio, deixaria uma comunicação de 150 metros de lar-gura entre o novo canal e o rio Douro com a bacia de ancoragem formada pelo troço do rio desde o Ouro ao Salva-vidas.

«Os molhes e os quebra-mares, galgados pelo mar, seriam construidos ao nivel dos preamares de aguas vivas ordinarias, sem caes, tendo apenas uma sobrestuctura abaulada. O revestimento da margem esquerda do novo canal da Afurada até o cabedello teria o mesmo nivel, e seria portanto galgado pelas cheias. O molhe da direita, desde o Ouro até o ca-bedello, deveria ser insubmergivel ás maiores en-chentes do rio, sendo o dique da foz, a unir-se com o da margem direita do novo canal atravez do ca-bedello, tambem insubmergivel. O canal teria a pro-

fundidade de 7^m,5 abaixo do zero hydrographico. » (1)

Fazendo parte da *Sociedade Nacional Camoneana*, no Porto, tem Araujo e Silva abrilhantado com differentes producções poeticas as homenagens tributadas annualmente ao grande epico. Uma d'ellas, intitulada *Camões e a Historia*, recitada pelo sr. conde de Samodães na sessão da mesma benemerita sociedade em 10 de junho de 1888, foi depois impressa em luxuosa edição, de que se tiraram apenas 56 exemplares, numero equivalente aos annos do poeta. Um d'elles coube ao sr. dr. Xavier da Cunha, escriptor distinctissimo e actual director da Bibliotheca Nacional, que accusou por esta fórma o mimoso brinde:

« Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Antonio Ferreira de Araujo e Silva. — Por benevolente intermedio do meu prezado amigo Antonio Moreira Cabral, recebi hontem um exemplar da poesia que v. ex.^a compoz sob o titulo *Camões e a Historia*, exemplar que fica sofregamente guardado e incorporado na minha pequenina collecção camoneana, onde me constitue

(1) Vejam-se no atlas respectivo os desenhos d'este projecto.

objecto de particular interesse, não só pela contextura elegante dos versos e pelo primor typographico da edição, como pelo respeito, consideração e gratidão, que me inspiram as pessoas do offerente e do intermediario (v. ex.^a e o nosso commum amigo Moreira Cabral).

« Agradecendo, portanto, este especial mimo, com que v. ex.^a sobremaneira me penhora e captiva, ponho aos pés de v. ex.^a o meu insignificantissimo prestimo, e faço votos para que, apesar da minha insignificancia, possa alguma vez ser util a v. ex.^a no cumprimento de ordens suas, quem tem a honra de subscrever-se com a mais elevada consideração

De v. ex.^a

adm.^{or} ven.^{or} mt.^o aff.^o e servo obg.^{mo}

Xavier da Cunha. »

C. V. Ex.^a em Lisboa,
31-8-1892.

Ainda ha pouco Araujo e Silva nos mimoseou com uma nova producção poetica destinada, como esta, a honrar a memoria do nosso primeiro epico, commemorando o 325.^o anniversario da sua morte.

Intitula-se *A dôr suprema — Camões e Nathercia* — e « são tantas as quadras como os versos que compõem o celebradissimo soneto de Camões:

Alma minha gentil que te partiste.

Cada uma d'essas quatorze quadras começa por um verso d'aquelle excepcional soneto, que o sr. conselheiro Araujo e Silva, a despeito da tarefa ingrata, glosou com arte e sentimento, n'um espirito de elevada admiração pelo genial poeta. » Isto escrevia *O Commercio do Porto* no seu numero de 9 de setembro ultimo; e a proposito da mesma publicação disse o *Primeiro de Janeiro*:

« As obrigações de director das Obras Publicas do districto nem os estudos positivos da engenharia civil tiram ao nosso querido amigo Araujo e Silva uma notavel capacidade de emoção lirica. Se os seus trabalhos de technico são apreciados em obras muito singulares de construcção, a sentimentalidade e a harmonia dos seus versos não são menos notorias e não têm menos admiradores. Este jornal, que por varias vezes inseriu composições do

distinto poeta, sente todo o prazer em registar com caloroso elogio da justiça, os meritos de lirismo que brilham de novo, fulgentissimamente, nas estancias primorosas que celebram a dolorida aventura de Nathercia.

« O sr. conselheiro Araujo e Silva, n'uma serie de quatorze quadras, glosou o divino soneto camoneano que começa: *Alma minha gentil*. O mote admiravel desenvolve-se com uma doçura e uma melancolia repassada, tendo de confessar-se que a alma do poeta portuense se abriu em commovida comprehensão á dôr extrema que do genio desditoso de Camões arrancou esses versos immortaes.

« Era uma enorme responsabilidade de poesia a glosa de tão sublime thema. O talento do lirico portuense honrou-a com exito igual áquelle com que, n'outro estadio da sua mentalidade, tem sabido vencer gloriosamente os problemas da sua profissão de engenharia. »

*

Durante a sua permanencia em Aveiro, foram muitas e variadas as commissões de character estranho á sua profissão de engenheiro que desem-

penhou aqui Araujo e Silva, havendo merecido sempre os mais altos louvores.

Foi membro da comissão de Viação, do Conselho de Agricultura districtal, da comissão executiva e da Junta Geral do districto, em que representou, por differentes vezes, os concelhos de Ovar, Agueda e Sever do Vouga, que o deputaram alli sempre sem sombra de opposição.

Foi tambem membro da Junta de Parochia da Vera-Cruz, e não só elaborou o projecto da nova igreja, dirigindo em seguida a construcção, até ao ponto a que chegou, mas até contribuiu com dinheiro, como consta do seguinte officio:

« Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Tendo sido nomeado membro da comissão executiva da Junta Geral d'este districto em sessão de 1 de maio ultimo, resolvi, ao acceitar aquelle encargo, dispôr desde logo dos meus vencimentos a favor de actos de beneficencia como muito bem me aprouver. N'este intuito tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.^a a quantia de 25\$000 reis, importancia que me foi paga com relação ao mez findo, a fim de que esta pequena verba, entrando no cofre da Junta de Parochia, d'essa freguezia, seja applicada ás obras da nova egreja da

Vera-Cruz.—Deus Guarde a V. Ex.^a—Aveiro, 12 de junho de 1886.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} snr. Antonio José Martins, digno presidente da Junta de Parochia da Vera-Cruz.—(a) *A. F. de Araujo e Silva.* »

Em 1885, foi Araujo e Silva escolhido para presidente do collegio eleitoral na eleição de pares do reino, composto da Junta Geral do districto e de todos os deputados da circumscripção administrativa, e dois annos antes havia sido eleito presidente do *Gremio Moderno*, como justo premio dos importantes serviços que prestára a esta util e ainda hoje lembrada aggremação.

Com um cuidado e uma competencia extremas, foi o colleccionador official de productos para as exposições de Philadelphia e de Paris, conseguindo reunir importantes collecções, que honraram sobremaneira o paiz e muito especialmente o districto de Aveiro.

Todos estes trabalhos, mais ou menos officiaes, não impediram Araujo e Silva de estudar e construir centenaes de kilometros de estradas e de projectar muitas obras d'arte, quasi todas realisadas, taes como: as egrejas de S. João da Madeira, de Ossela, da Vera-Cruz e da Misericordia de Vagos;

as pontes de Entre-os-Rios, Loureiral, Carregosa, Ruivo, Cavallar, Becco, Fontella, Bouça, Morte, Pampilhosa, Moção e Porto-mar; um quartel de infantaria e o de cavallaria n.º 10; as casas de escola de S. Jorge, Cucujães, Santiago (duas), Santa Eulalia, Branca, Alquerubim (duas) e Salreu; os estabelecimentos de banhos de S. Jorge, S. Pedro do Sul e de Luso (para *douches*); os paços do concelho de Anadia e Vagos; os abastecimentos de aguas em Ovar e Aveiro; o hospital de Alquerubim e outros edificios importantes de character particular; o theatro de Anadia e as linhas ferreas de Ovar ao Furdouro e a primeira de S. Jacintho, esta da rasgada e poderosa iniciativa de Manuel Firmino, a quem Aveiro tantos serviços deve, e que com ella estabeleceu a mais rapida e facil communicação entre a ria e o mar, sobre as dunas moveiças de areias não cultivadas.

Para se avaliar da competencia, zêlo e actividade do distincto engenheiro, não basta citar o numero de projectos e de obras realisadas. É mister tambem conhecer a grandiosidade de algumas d'ellas, as proporções e a importancia do seu delineamento.

Já nos referimos, ainda que rapidamente, aos serviços prestados por Araujo e Silva como engenheiro districtal de Aveiro e dissemos que, para a

sua promoção a chefe d'esta mesma repartição, concorrêra em parte uma deliberação da camara d'esta mesma cidade, tomada na sua sessão de 28 de agosto de 1873. Esta corporação, porém, não limitou a isto o seu reconhecimento pelos importantissimos serviços prestados pelo nosso biographado na grande obra de abastecimento d'aguas para a cidade; fez esculpir o seu nome em duas lapides, uma das quaes está no deposito dos Marcos da Forca e a outra no chafariz da Vera-Cruz.

Diz aquella:

bib**R**IA

AVERIENSIS SENATUS

HOC OPUS ET AQUEDUCTUM

SUB PROJECTO AC DIRECTIONE

ANTONII FERREIRA DE ARAUJO E SILVA

PRIMI MACHINATORIS

CONSTRUERE FECIT ANNO MDCCCLXXIII

Isto é: «*O senado aveirense no anno de 1873, mandou construir esta obra e aqueducto, segundo o projecto e a direcção do primeiro engenheiro Antonio Ferreira de Araujo e Silva.*»

Lê-se n'esta:

QUAM VOBIS FUNDO
 SUBTUS TERRAM INDUCI
 AVERIENSIS SENATUS JUSSIT
 UT PURAM, COPIOSAM
 ET AESTIVO TEMPORE FRIGIDAM
 BIBATIS.
 CURAVIT INGENIARIUS
 ANTONIUS FERREIRA DE ARAUJO

ET SILVA
 ANNO CHRISTI MDCCCLXXIII
 bibRIA

Isto é: «*No anno de Christo, 1873, o senado aveirense mandou que fosse conduzida sob a terra a agua, que para vós derramo, para que a possaes beber pura, abundante e fria no tempo estival. O engenheiro Antonio Ferreira de Araujo e Silva dirigiu esta obra.*»

Em 1877 dirigiu Araujo e Silva identicos trabalhos em Ovar, pelo que a camara do mesmo con-

celho lhe offertou uma penna de ouro, com uma penhorante dedicatória gravada.

Havendo sido transferido para a Direcção das Obras Publicas do districto de Aveiro, por despacho ministerial de 11 de fevereiro de 1875, Araujo e Silva nem por isso deixou de continuar a prestar relevantes serviços a differentes camaras do mesmo districto, principalmente ás de Ovar e de Aveiro. Esta ultima, presidida por Manoel Firmino, encarregou-o, em novembro de 1884, de restaurar e ampliar o velho e arruinado quartel de Santo Antonio, para n'elle se aquartellar o regimento de cavallaria n.º 10, então recentemente creado, e projectar o edificio de um novo quartel no convento de Nossa Senhora da Madre de Deus de Sá, com destino ao mesmo corpo. Em menos de dois mezes ficou aquelle quartel em estado de accomodar provisoriamente a secretaria, soldados e cavallos do regimento de cavallaria n.º 10, tendo-se para isso construido casernas, cosinhas, cavallariças, arrecadações, com uma tal ou qual commodidade, precisa solidez e notavel economia, pois tudo custou apenas 3.000:000 reis approximadamente.

Todos os louvores foram poucos para Araujo e Silva, pois qualquer demora na execução d'estas obras podia ser fatal para Aveiro, pela ameaça do

regimento ser collocado em outra parte por falta de quartel aqui. E para perpetuar aquelles, resolveu a camara dar o nome do distincto engenheiro á nova rua, que, por essa occasião, se abriu ao longo do jardim publico, pondo em commoda communição a do Passeio com o quartel de Santo Antonio, que ficou sendo, desde então, *Avenida Araujo e Silva*.

A inauguração da nova arteria realisou-se no dia da entrada do regimento de cavallaria n.º 10 em Aveiro — 18 de janeiro de 1885.

No programma dos festejos com que devia ser recebido o regimento, publicado no *Campeão das Provincias*, de 17 d'aquelle mez e anno, lia-se:

«10.º Logo que o cortejo ⁽¹⁾ chegue em frente da nova avenida Araujo e Silva, o ex.º presidente da camara convidará os ex.ºs governador civil e director das Obras Publicas a correrem as duas

(1) Foi organizado em frente da estação do caminho de ferro e compôz-se da camara municipal com a bandeira da cidade desfraldada, auctoridades civis e militares, bombeiros voluntarios, commissão dos festejos, imprensa local e representantes da de Lisboa e Porto, philarmonicas Aveirense, Amisade e lhavense, differentes cavalheiros da cidade e districto, coronel de cavallaria n.º 10 José Virgolino; tenente-coronel, Manoel Antonio de Araujo e Veiga, chefe dos transportes do ministerio da guerra; capitão de estado maior Taveira, sub-chefe da 4.ª divisão militar, etc.

bandeiras nacionaes que velam os letreiros que lhe dão o nome, e por essa occasião uma grande girandola de foguetes annunciará á cidade que está inaugurado o modesto mas sincero monumento, que deve perpetuar a gratidão do municipio aos muitos serviços que lhe tem prestado o distincto engenheiro Antonio Ferreira de Araujo e Silva.»

O programma foi fielmente cumprido e a inauguração descrevemol-a assim ha annos:

«Chegado que foi o cortejo á entrada da avenida Araujo e Silva, o sr. presidente da camara convidou o sr. coronel de engenharia Silverio Augusto Pereira da Silva, director das Obras Publicas do districto, e João Augusto Marques Gomes ⁽¹⁾ a descerrarem a placa em que se via gravado o nome da nova avenida, e que estava velada por duas bandeiras. Por esta occasião foram levantados entusiasticos vivas ao distinctissimo engenheiro, sr. Antonio Ferreira de Araujo e Silva.» ⁽²⁾

(1) O governador civil, que então era Manoel José Mendes Leite por incommodo grave de saude, não pôde assistir á chegada do regimento nem tomar parte em nenhuma das festas celebradas em sua honra.

(2) *Subsídios para a historia de Aveiro.*—Aveiro, 1889, pag. 223.

O projecto do novo quartel, esse, fel-o Araujo e Silva em poucos dias. No curto espaço d'uma semana tinha delineado o edificio, que é magestoso, embora por modestia de architectura lhe tenham sido dispensados os ornatos e atavios, pois se attendeu muito aos preceitos economicos, sem prejuizo das condições de ventilação, luz, commodidade e belleza de disposição. Occupando um rectangulo de 123 metros de frente por 106 de lado, isto é, uma área de 13:038 metros quadrados, contém 6 casernas com 30 metros de comprimento, 10 de largura e 6 de pé direito, sendo duas no pavimento terreo e quatro no primeiro andar, ficando annexas a cada uma tres magnificas salas de serviço, e internamente uma parada regular de cinco mil metros quadrados, para onde ficam voltadas as frentes de dez cavallariças isoladas por meio de ruas de serviço, de luz e ventilação, podendo conter cerca de quatrocentos cavallos.

No projecto foram attendidas, como era de prever, todas as necessidades, desde as magnificas salas de secretaria até ás officinas. Enviado pela camara o projecto ao governo, a 4.^a repartição do ministerio da guerra deu, em 4 de fevereiro, sobre elle, esta informação, que é o maior elogio que se pôde fazer ao seu auctor:

«Na verdade, o ante-projecto de que se trata acha-se tão detalhada e convenientemente elaborado, que se pôde quasi considerar como um projecto definitivo, a que só falta o orçamento da despesa a fazer com a sua execução. Se a camara municipal de Aveiro se encarregar da direcção dos trabalhos e correrem por sua conta todas as despesas da construcção, poder-se-ha approvar o projecto tal como está, e sem mais observações.»

De ordem do grande estadista, Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, a direcção geral do ministerio da guerra, em officio de 2 de março de 1885, transmittido á camara municipal de Aveiro, fez esta lisongeira referencia ao projecto:

«S. ex.^a o ministro, tendo mandado ouvir as estações competentes com as opiniões das quaes geralmente se conforma, incumbe-me a honra de dizer a v. ex.^a que o mencionado projecto faz honra ao engenheiro Araujo e Silva, que o elaborou, não só pelos detalhes, mas tambem pela rapidez com que foi feito.»

A construcção do novo quartel principiou em abril, a expensas do municipio, sendo todos os trabalhos executados sob a direcção de Araujo e Silva, que as acompanhou com uma solitudine incomparavel.

Em dezembro de 1887 passou a obra do quartel para cargo do governo, mas nem por isso Araujo e Silva deixou de ter interferencia n'ella. Por julgarmos interessante para a historia d'ella e honroso para Araujo e Silva, vamos transcrever um artigo que sobre o assumpto então publicou *O Campeão das Provincias*. É este:

bibRIA
O quartel de cavallaria 10

«A camara municipal d'este concelho solicitou do nobre ministro da guerra que a direcção das obras do quartel de Sá passasse para o governo, e que para vêr e examinar o edificio se dignasse mandar a Aveiro um engenheiro militar. O sr. visconde de S. Januario dignou-se tomar em consideração as razões allegadas, quanto á segunda parte, e na quinta-feira tivemos em Aveiro o sr. Avellar Machado, engenheiro distincto, parlamentar conhe-

cido, e chefe da 4.^a repartição do mesmo ministério. S. ex.^a compareceu no quartel de Sá, ás 10 horas da manhã, onde já se achavam os srs. governador civil, engenheiro Araujo e Silva, digno director das Obras Publicas, Antonio Corrêa, coronel de cavallaria 10, e o mestre d'obras Tavares Avellino, e bem assim o sr. dr. Barboza de Magalhães, presidente da commissão executiva da Junta Geral e alguns cavalheiros d'esta cidade.

«O sr. Avellar Machado percorreu o edificio, examinou com a maior circumspecção todas as obras, tomou apontamentos circumstanciados, e depois de alli conferenciar com o sr. engenheiro Araujo e Silva, dirigiu-se com elle e com os outros senhores que estavam presentes para a secretaria da camara municipal, onde se achava, apesar de mal convescido ainda, o habil escrivão, sr. Pinho Guedes. Alli s. ex.^a desejou que lhe dessem as notas do dispendido no quartel de Sá, e bem assim da importancia dos subsidios dados por o Estado.

«O sr. Pinho Guedes apresentou-lhe os livros da receita e despeza, que se acham limpamente escripturados, apurando-se assim que o Estado contribuiu já para esta construcção com 40:000\$000 reis, a camara municipal com 22:947\$800 reis, a Junta Geral com 1:000\$000 reis, e que as madeiras con-

cedidas para a obra pelo ministerio das obras publicas produziram 1:025\$000 reis, sendo o total reis 61:972\$800. Temos porém a deduzir d'esta importancia a dos concertos que se fizeram no quartel velho, que importaram em 3:000\$000 reis. Assim, a demolição do velho convento de Sá e a obra nova que lá está feita custou apenas 61:972\$800 reis.

«O sr. Avellar Machado não deixou de manifestar a sua satisfação, vendo a grande economia resultante da excellente direcção dada aos trabalhos pelo sr. engenheiro Araujo e Silva, e da fiscalisação exercida pela camara. Accrescentou s. ex.^a que estavam feitos dois modelos para quartéis, com os respectivos orçamentos, os quaes o ministerio da guerra ia adoptar; que o primeiro, para cavallaria, estava orçado em 250 contos, e que o segundo, para infantaria, o orçamento era de 150 contos.

«Terminou s. ex.^a por instar com o sr. engenheiro Araujo e Silva para continuar a dirigir as obras, cujo adiantamento admirou, instando igualmente com os cavalheiros presentes para que influissem com a camara municipal e com a Junta Geral do districto, para que estas corporações administrativas consignassem em seus orçamentos novas verbas para o quartel de cavallaria 10, que elle informaria o ministro do que tinha visto, habilitando-o

a prestar a sua valiosa coadjuvação a esta obra, que reputou excellente.

« O sr. engenheiro Araujo e Silva, que é um homem activo, intelligente e estudioso, e cuja dedicação ao trabalho todos conhecem, declarou que se lhe dessem seis contos de reis d'aqui até março, para que os trabalhos alli tivessem o preciso desenvolvimento, o quartel estaria concluido na parte correspondente ao effectivo do regimento, podendo ser occupado no fim de março de 1888.

« Por parte do municipio foi ponderado, que já se tinham feito bastantes sacrificios, e portanto que o ministerio da guerra concluísse agora a obra, que já estava bastante adiantada, ao que tudo respondeu o sr. Avellar Machado, que era preciso fazer mais um, e que d'elle importava a conclusão da obra e portanto a conservação do corpo em Aveiro.

« D'alli partiram todos para o quartellamento de Santo Antonio, cujo estado precario todos conhecem e que o illustre engenheiro examinou, tirando de tudo as convenientes conclusões.

« Eis a historia fiel da inspecção de quinta-feira aos dois quartéis, e da visita official a esta cidade do sr. major de engenheiros Avellar Machado. »

Por officio da direcção geral do ministerio da guerra, datado de 31 de dezembro de 1887, conferiu este ministerio ao engenheiro Araujo e Silva, simples engenheiro civil, esta honrosissima e excepcional confiança dos seus meritos e capacidade:

«Tendo este ministerio recebido da camara municipal de Aveiro o quartel, em construcção n'aquella cidade, para o regimento de cavallaria n.º 10, incumbem-me s. ex.^{ta} o ministro da guerra, por esta occasião, de agradecer a v. ex.^{ta} o seu excessivo zêlo e intelligencia na direcção dos trabalhos que até hoje têm sido executados.

«O mesmo sr. ministro me encarregou de rogar a v. ex.^{ta} que, como auctor do projecto do quartel, se digne auxiliar, com o seu conselho, o inspector de engenharia da 2.^a divisão militar no serviço que a este foi incumbido, relativamente á direcção dos trabalhos para a conclusão do quartel.»

Pelos serviços prestados na construcção do quartel, foi Araujo e Silva agraciado, por decreto de 10 de janeiro de 1889, e por proposta do ministerio da guerra, com o grau de cavalleiro da ordem mi-

litar de S. Thiago, do merito scientifico, litterario e artistico.

*

A um outro melhoramento de Aveiro traz Araujo e Silva ligado o seu nome: é o *Theatro Aveirense*. Durante muitos annos se tentou em vão construir em Aveiro um theatro, que estivesse á altura da cidade. Chegou-se a dar começo á obra em 1857, mas esta pouco passou dos alicerces. O que n'essa época não alcançaram os primeiros homens de Aveiro, tendo á sua frente José Estevão, conseguiram-no em 1879 os empregados superiores da direcção das Obras Publicas. Foram estes e só estes que iniciaram a empreza, de que resultou a edificação do *Theatro Aveirense*.

A prova do que levamos dito é isto que, subordinado á epigraphe—*O novo theatro*—publicava *O Campeão das Provincias*, no seu n.º 2763, de 5 de março de 1879:

«Até que finalmente está lançada a base a um empreendimento de alta importancia civilisadora para Aveiro.

«Por iniciativa dos srs. Gustavo Ferreira Pinto Basto, Antonio Ferreira de Araujo e Silva, Manoel Anthero Baptista Machado e João da Maia Romão, reuniram-se no dia 1 do corrente, em casa do sr. Sebastião de Carvalho e Lima, com os srs. João da Silva Mello Guimarães, João Pedro Soares e irmão, Carlos Faria, Joaquim de Mello Freitas, Antonio Barreto Ferraz Sachetti, Manoel da Rocha e Francisco Rodrigues da Graça, afim de metterem hombros á construcção de um theatro digno da terra e da civilisação dos nossos dias.

.....
«É impossivel estarmos por mais tempo sem um theatro decente. Ovar, Feira, Arouca, Oliveira d'Azemeis, Anadia, Ilhavo e outras terras menos importantes lá têm os seus theatros construidos por iniciativa particular. Aveiro não podia, por mais tempo, sem quebra de dignidade propria, manter-se no indifferentismo a tal respeito.

« Bem hajam aquelles que comprehendem a missão que os progressos dos nossos dias lhes impõem, promovendo os melhoramentos indispensaveis á civilisação dos nossos tempos. Temos a convicção de que ninguem se esquivará a prestar o seu concurso para o valioso commettimento, que tão dedicados cavalheiros tomaram sobre os seus hombros.

Aveiro deve regosijar-se com mais esse melhora-
mento na essencia importantissimo sob o ponto de
vista da civilisação. »

A ideia vingou, pois teve um acolhimento en-
thusiastico em toda a cidade e o concurso indispen-
savel do municipio. Para que este se realisasse
concorreu immenso Araujo e Silva. Logo na reunião
de 1 de março se aventou a ideia de que a camara
municipal devia concorrer para a construcção do
novo theatro com um subsidio nunca inferior a tres
contos de reis, mas tambem alli alguém opinou
que a lei não auctorisava subsidios municipaes
para theatros, o que era verdade, mas a esse
alguém respondeu Araujo e Silva com um alvitre
que resolvia por completo o problema. O alvitre foi
mais tarde posto em pratica com feliz resultado, e
para que o fosse, muito concorreu o illustre enge-
nheiro, que ao tempo formava, com o visconde de
Almeidinha e Agostinho Duarte Pinheiro e Silva, a
commissão executiva da Junta Geral do districto,
relatando o accordão com que a mesma commissão
approvou em 13 de junho de 1879 o auxilio da
camara para a edificação do theatro. Araujo e Silva
sanccionava assim a opinião emittida na reunião

de 1 de março, e o que havia escripto n'um bello artigo que, sob o titulo — *Necessidade d'um theatro* — publicára no *Districto de Aveiro*, firmado com o seu nome, em que se lia:

.....

«O municipio de Aveiro, prestando o seu curso valiosissimo e indispensavel, dá uma prova de abnegação e patriotismo em nome do progresso e desenvolvimento d'esta terra, digna de um theatro onde a vocação artistica se desenvolva; onde a sociedade colha fructos que a vantajosa arte dramatica pôde traduzir; onde a distracção do espirito evite o jogo, a immoralidade e, muitas vezes, o crime; onde, emfim, os fochos da civilização e da caridade possam illuminar, com os seus vivificantes raios, os que as procuram.

«Não ha illegalidade nem falta de boa administração no acto tão louvavel que o municipio tem a praticar. Longe d'isso. Quando vemos o Estado sustentar um theatro normal, gratificando e aposentando os seus actores; quando vemos o Estado auxiliar com poderosos subsidios os theatros principaes de Lisboa e Porto; quando vemos ainda alguns municipios do paiz concorrerem poderosamente

para a edificação de theatros, acceitando para isso um numero de acções compativel com o rendimento municipal, sobra-nos animo para confiarmos na illustração da municipalidade de Aveiro e no seu concurso, quanto em suas forças couber, para o emprehendimento que tanto honra os seus iniciadores.»

Não se limitaram porém a estes os serviços prestados ao novo theatro por Araujo e Silva. Uma parte d'elles enumerou-os o distincto engenheiro e indefesso trabalhador n'um protesto energico que publicou em março de 1881 no *Districto de Aveiro*, em resposta a um folhetim de Fernando de Vilhena, que sahiu no *Campeão das Provincias* com o titulo *Inauguração do Theatro Aveirense*— folhetim escripto sob as impressões da festa inaugural, e «sem aspirações a historia», como depois confessou o seu talentoso auctor, coração de oiro, que a morte ha muito roubou, e que, publicando o protesto de Araujo e Silva, teve para com este phrases como estas:

«Já tivemos occasião de dizer a s. ex.^{ta} que não foi ideia nossa fazer-lhe insinuações nem maguar o seu character. Temos por s. ex.^{ta} a mais justificada

sympathia; e s. ex.^o bem conhece o grau de respeitabilidade em que o temos. Acatamos os pergaminhos e as medalhas, que a distincção no estudo e as victorias nas luctas do trabalho justamente téem conferido a s. ex.^o

.....

«Respeitemos a nobreza do sr. Araujo, que é a nobreza do operario honesto, que trabalhou dia e noite para conquistal-a. E se s. ex.^o julga que a ella dirigimos alguma phrase, que possa interpretar-se d'outra fôrma, pedimos-lhe que nol-a indique, para que immediatamente a retiremos.»

Do que então escreveu Araujo e Silva destacamos estes periodos:

.....

«Para attingirmos mais rapidamente o fim desejado, dividimos entre nós o trabalho, encarregando-me eu exclusivamente do projecto da fachada e da ornamentação interior, enquanto que o meu collega procedia á distribuição de todas as divisões.

«Depois de delineados foram todos os desenhos concluidos e aguarellados por mim, taes como fo-

ram presentes á approvação da direcção, em casa do sr. Silverio.

«Depois de approvado o projecto, procedeu-se á execução, não havendo nunca questão alguma entre os tres membros da commissão d'obras.

.....
«Por duas vezes assumi a direcção dos trabalhos do theatro pela ausencia do sr. Gustavo para banhos de mar. Seguia de perto a construcção e empenhava-me devêras para que o edificio fosse construido nas melhores condições.

«Por indicação minha foi substituido metade do parapeito de madeira da primeira ordem pela grade elegante que eu proprio escolhi na fabrica de fundição do Bolhão.

«Ministrei alguns detalhes no tamanho natural, taes como o da cornija, da sala, dos capiteis, das pilastras, do proscenio, etc.

«Projectei e desenhei toda a ornamentação interior executada em pasta. Furneci o desenho para a grade divisoria da orchestra e indiquei a fórma e dimensões da cobertura do ponto.

«Projectei e desenhei as duas figuras emblematicas da architectura e pintura que fazem o fecho do arco.

«Desenhei e recortei todos os numeros doura-

dos dos camarotes e pinteí mais de dois terços dos numeros da plateia.

«Já vê, portanto, v. ex.^{ta}, que a minha acção n'aquella obra não foi nulla e que algum valor téem os meus trabalhos, pois que v. ex.^{ta} é o primeiro a classificar de delicadissimas as ornamentações.

.....
«Por falta absoluta de tempo não posso escrever desde já a historia exacta e completa de todos os factos attinentes ao Theatro Aveirense.

«Quando eu me dêr a esse trabalho conhecerá v. ex.^{ta} melhor quaes foram os apóstolos dedicados e quaes foram os phariseus e hypocritas.

«N'uma época em que se faz propaganda contra os homens que sempre se prezaram de prestar generosamente serviços tanto a Aveiro como ao districto; n'uma época em que o merecimento individual é aferido, não pelo saber e pela dignidade, mas apenas pelo palavreado insulso e esteril; n'uma época, finalmente, em que os mais relevantes serviços são pagos com a negra ingratição, é impossivel ao homem de brios calar expansões, que a consciencia da propria dignidade suggere. V. ex.^{ta} não hade querer contribuir para que a Aveiro continuem a chamar terra de ingratos.

«Faço inteira justiça ao character de v. ex.^{ta}, e

creio piamente que não teve intenção de ferir susceptibilidades.

«No entanto, as palavras transmitem ideias, e ao leitor não é dado adivinhar a boa ou má intenção com que foram escriptas.

«Não quero glorias, que me não pertençam, mas também não cêdo, a favor de leigos, serviços que são meus.

«Estou ha muito tempo saciado de honras e glorias de... palavreado.»

Um dos trabalhos mais importantes de Araujo e Silva, quando primeiro engenheiro da direcção das Obras Publicas de Aveiro, foi o projecto da ponte metallica sobre o Douro, em Entre-os-Rios. Tendo escolhido a travessia mais conveniente aos povos, Araujo e Silva viu-se forçado a projectar uma ponte com 310 metros de extensão, sendo 10 de estribos e 300 de taboleiro metallico, assente sobre 6 pilares de pedra, fundados pneumaticamente a 20 metros abaixo do rio. Os vãos são cinco centraes de 50 metros e dous de margem de 25. O pavimento fica a 32 metros de altura sobre a linha das estiagens. As cheias n'aquelle ponto sobem 22 metros.

Tanto o projecto como a desenvolvida memoria descriptiva, com data de 10 de fevereiro de 1881, estão publicados, desde 1883, no tomo XIV da *Revista de Obras Publicas e Minas*. Foi n'essa memoria que, pela primeira vez, houve referencia official no nosso paiz ao perigo e deterioração das pontes metallicas, provenientes das vibrações que fazem transformar o ferro maleavel em quebradiço.

Este projecto traz-nos á memoria um outro, que é o da ponte da *Ermida*, concelho de Baião, atravessando os rios Zezere e Douro.

Com uma extensão total de 305 metros, comprehende na margem direita um viaducto metallico parabolico de 24 metros, cobrindo, sob o unico vão, o caminho de ferro do Douro e o rio Zezere, seguindo-se-lhe um troço de viaducto de pedra, em parte cheio e em parte vasado de arcaria, e rematando na margem esquerda por um taboleiro metallico com tres tramos sobre o Douro, tendo o do centro 50 metros e os dos lados 40 cada um. N'este ponto a altura do pavimento fica a 30 metros acima do rio.

Das muitas pontes de pedra, a que nos referimos, ha duas que merecem menção especial — a de *Canninhas* e a do *Loureiral*, ambas já realisadas sobre o rio Paiva, confluyente do Douro. A primeira, pertence á Estrada Districtal n.º 80; é um gigante

de granito, ostentando no meio de uma paizagem graciosa o seu imponente arco central, de volta inteira, vencendo um vão de vinte e oito metros, harmonisado com dous lateraes de quinze.

O pavimento fica n'uma altitude de 32 metros acima das aguas e mede 125 de extensão. As cheias alli attingem uma altura de 15 metros.

Esta magnifica e gigante obra d'arte consumiu 1:840 metros cubicos de cantaria, 5:550 de alvenaria e 176 de madeira em simples de montagem, havendo custado apenas 27:500\$000 reis, por empreitada geral.

A outra ponte, chamada do *Loureiral*, pertencente á Estrada Districtal n.º 81, é notavel pelo seu unico arco abatido, galgando um espaço de vinte metros entre os encontros, tendo a flecha apenas de 2,^m60 e estribando-se nos dous massiços lateraes de 8,^m30 de espessura, cada um. Esta obra, concluida por um dos successores de Araujo e Silva, na Direcção de Aveiro, é um precioso exemplo de grande resistencia dos nossos granitos.

Além dos muitos projectos de obras d'arte realisados no districto de Aveiro, sob a direcção de Araujo e Silva, que já enumeramos, não devem ficar tambem no olvido os dos edificios da Caixa Economica e da casa do conselheiro Manoel Firmi-

no, hoje de seu genro dr. Barboza de Magalhães, o da capella do morgado de Soutello, no cemiterio de Aveiro; o corêto do jardim publico; o palacete do sr. arcebispo de Braga, em Paradella, e o grandioso plano de um estabelecimento de *douches* em Luzo, mandado elaborar pelo ministerio das obras publicas, mas que não chegou a realizar-se. Sobre este trabalho escreveu o ministro d'então ao sr. conselheiro Araujo e Silva uma elogiosa carta, da qual destacamos os seguintes periodos:

«O que v. ex.^a fez a respeito do projecto de melhoramentos nos banhos de Luzo e edificações annexas é mais do que um *tour de force*. É verdadeiramente prodigioso. Tenho tido occasião de louvar a solicitude e celeridade de trabalhos de alguns (não muitos) dos seus collegas, mas devo confessar que de tal canceira e folego ainda não tive quem o equalasse.

«Receba v. ex.^a, com os meus cordealissimos agradecimentos, os meus louvores mais acrisolados.»

Em 14 de agosto de 1886 foi Araujo e Silva nomeado director das Obras Publicas do districto

de Aveiro, na vaga deixada pelo sr. coronel de engenharia, Silverio Augusto Pereira da Silva, promovido então á primeira classe e nomeado inspector, e que pelo espaço de vinte e sete annos exercêra aquella commissão.

A escolha de Araujo e Silva satisfez a todos. Á frente da suprema governação do districto estava então o conselheiro Manoel Firmino d'Almeida Maia, que lhe dirigiu este officio:

«Governo Civil de Aveiro. — 1.^ª repartição. — N.^o 344. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Tenho o prazer de accusar a recepção do officio-circular de v. ex.^ª, e aproveito, com verdadeiro jubilo, o ensejo para me congratular com v. ex.^ª, em nome do districto que tenho a honra de governar, pela acertadissima nomeação de v. ex.^ª para o cargo de director das Obras Publicas d'este districto. Felicitando-o e felicitando-me por um acto tão justo, tenho o prazer de pôr á sua disposição toda a cooperação franca que de mim dependa e que estiver nas attribuições do meu cargo, e desejarei provar a consideração que me merece e que lhe tributo. — Deus Guarde a v. ex.^ª — Aveiro, 19 de agosto de 1886. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. director das Obras Publicas de Aveiro. —

O governador civil substituto (a) *Manuel Firmino d'Almeida Maia.*»

A imprensa local, pela voz do órgão do partido progressista, *O Campeão das Provincias*, e do regenerador, *O Districto de Aveiro*, festejou calorosamente a nomeação de Araujo e Silva. Escreveu o primeiro:

Director das Obras Publicas

«Acaba de ser nomeado director das Obras Publicas d'este districto o distincto engenheiro e nosso presado amigo, Antonio Ferreira de Araujo e Silva. O nobre ministro das obras publicas nomeando para tão elevado cargo o sr. Araujo e Silva, cumpriu não só um acto de inteira justiça, mas premiou assim os muitos e valiosos serviços prestados por este benemerito filho do districto a Aveiro. Não ha um unico concelho do districto que não accuse um melhoramento qualquer, a que não deixe de estar ligado o nome de s. ex.ª Contam-se aos centos as obras que o sr. Araujo e Silva tem dirigido, e todas são testemunho da sua alta competencia e desmedida actividade. Algumas d'ellas são de summa

importancia, e uma só bastaria para fazer a reputação de um engenheiro já distincto.

«A um talento muito superior reúne o sr. Araujo e Silva os mais bellos predicados de um nobilissimo character, e o de uma alma só formada para o bem e para o justo.

«Ao novo director das Obras Publicas do districto de Aveiro, os nossos parabens, que são sinceros, como sincera é a amisade que ha muito lhe tributamos; e dando os parabens a s. ex.^{ta}, damol-os ao districto e bem assim a esta cidade, que recebeu jubilosamente tão feliz nova.» (1)

Disse o segundo:

Director das Obras Publicas

«Está nomeado director effectivo das Obras Publicas d'este districto, o nosso particular amigo, o sr. Antonio Ferreira de Araujo e Silva, engenheiro distincto e illustre filho d'este districto.

«A escolha do sr. Araujo e Silva para este elevado cargo, póde dizer-se que honra mais o minis-

(1) N.º 3515, de 18 de agosto de 1886.

tro que o nomeado. Com muitas obras de vulto, como a magnifica ponte de Entre-os-Rios, quartel de Sá e outras que escusamos enumerar, tem o illustre engenheiro exhibido as provas de seu talento. Além d'isto, raras são as localidades d'este districto onde não se depare com um testemunho da sua iniciativa. Trabalhador e activo como poucos, um outro predicado o ennobrece: ter prestado valiosos serviços a esta circumscripção, espontanea e generosamente.

«Folgamos, pois, em que se premiassem o merito e a honradez, na pessoa do intelligente engenheiro, e folgamos ainda mais, porque o sr. Araujo e Silva é filho d'este districto, e a honra que em s. ex.^a acaba de recahir, é motivo justificado para que todos com ella se congratulem.

«Ao nosso amigo endereçamos sinceros parabens.» (1)

Quando em fevereiro de 1888 Araujo e Silva deixou a direcção das Obras Publicas do districto d'Aveiro para ir desempenhar identicas funcções no do Porto, fez-lhe *O Campeão das Provincias* esta me-

(1) *Districto de Aveiro* n.º 1499, de 19 de agosto de 1886.

recidissima apologia dos serviços por elle prestados áquelle districto :

«Acaba de ser transferido de director das Obras Publicas d'este districto para o do Porto, o nosso illustrado amigo, o sr. Antonio Ferreira de Araujo e Silva. Este acto de justiça, praticado pelo nobre ministro das obras publicas, foi recebido com immensa satisfação e ao mesmo tempo com não menor pesar pelos numerosos amigos que o sr. Araujo e Silva conta em Aveiro, tantas são as sympathias que s. ex.^{ta} tem aqui, tantas são as saudades com que todos o vêem partir no fim de uma residencia de quasi vinte annos, e que o fazia considerar já como filho d'esta terra a quem elle prestou, o mais desinteressada e cavalheirosamente que é possível, serviços que, muitos dos seus naturaes, nunca lhe prestaram nem prestarão jámais.

«O sr. Araujo e Silva tem ligado o seu nome a quasi todos, senão a todos os melhoramentos materiaes de alguma importancia que se téem realisado nos ultimos annos n'esta cidade e seu districto, comprovando-se assim, com centenaes de obras, a sua vasta illustração e inexcedivel actividade.

«O muito que tem trabalhado em beneficio

d'esta circumscrição administrativa, jámais poderá ser contestado e portanto mesmo esquecido, ainda que isso peze a meia duzia de invejosos que por ahí ha, mas que ninguem vê, porque sobre as suas loucas diatribes sobrenada o merito, provado e comprovado em documentos que o tempo nem a mal disfarçada inveja pôdem destruir.»

Por essa occasião publicou tambem *O Districto de Aveiro* este artigo:

Araujo e Silva

«Foi nomeado director das Obras Publicas do districto do Porto o nosso presado amigo Antonio Ferreira de Araujo e Silva, cavalheiro que aqui tem exercido identico logar com muitissima competencia, circumspecção e zêlo.

«Para o logar que deixa vago o sr. Araujo e Silva, foi nomeado o sr. Casimiro de Menezes, director das Obras Publicas de Leiria.

«Ha dezenove annos que o sr. Araujo e Silva reside em Aveiro, onde conta muitos amigos. Esta terra e o districto devem-lhe assignalados serviços, que elle prestou sempre da melhor vontade, sem

olhar á feição política de quem lh'os solicitava, e unicamente por amor á prosperidade publica. Tem sido um trabalhador indefesso, e, o que mais é, completamente desprendido de ambições e interesses.

«Mais de espaço fallaremos dos meritos e dos serviços do sr. Araujo e Silva; por hoje limitamos a confessar que a sua ausencia nos deixa saudades, porque, conhecendo como poucos a nobreza do seu character, sabemos fazer justiça ás suas nobilissimas qualidades.» (1)

Felicitando-se tambem pela escolha do sr. Araujo e Silva para o referido logar, escrevia dias depois *O Commercio do Porto*:

«Acaba de ser nomeado director das Obras Publicas do districto do Porto o sr. Antonio Ferreira de Araujo e Silva, illustrado correspondente do *Commercio do Porto*, em Aveiro, onde tem exercido o cargo de director das Obras Publicas d'aquelle districto.

(1) *Districto de Aveiro* n.º 1656, de 27 de janeiro de 1888.

«Conhecendo quão grandes são a aptidão e a actividade de que dispõe o nosso presado amigo, se o felicitamos pela honrosa nomeação que recebeu, congratulamo-nos ao mesmo tempo por vermos á frente de uma importante repartição publica do Porto um cavalheiro digno de todos os respeitos.»

Não foi só a imprensa que festejou com palavras de merecido elogio a transferencia para a direcção das Obras Publicas do Porto, de Araujo e Silva. Diferentes auctoridades e corporações dos districtos de Aveiro e Porto se lhe dirigiram, tanto particular como officialmente, uns lamentando a sua ausencia, outros felicitando-se por o verem á frente das obras publicas do seu districto. No numero d'estes ultimos destacaremos alguns periodos de communicação official que n'essa occasião foram dirigidos ao zelosissimo funcionario.

Do director da Academia Portuense de Bellas-Artes:

«Cumpre-me agradecer a v. ex.^a o seu obsequio e dar-lhe os parabens pelo seu bem merecido cargo, esperando de v. ex.^a o seu importante valimento a favor de quaesquer melhoramentos que por ventura

tenham de projectar-se em proveito das aulas d'este estabelecimento de ensino artistico, de que v. ex.^a foi alumno distincto.»

Da camara de Penafiel:

«A mesma camara, com seus municipes, congratula-se pela acertada escolha do governo, collocando na direcção d'este importante districto a v. ex.^a, cujo nome vem acompanhado de honrosissima tradição.»

Do administrador do concelho de Amarante:

«... felicitando-o ao mesmo tempo por ter o governo de Sua Magestade collocado á frente da direcção das Obras Publicas do segundo districto do reino um cavalheiro que sabe, como já tem mostrado em identicos logares, desempenhar cabalmente as suas obrigações.»

Do director das Obras Publicas de Castello Branco:

«... fazendo votos sinceros para que v. ex.^a continue o brilhante desempenho nos serviços que

tão honrosamente observou em dezenove annos no districto de Aveiro.»

Do director das Obras Publicas de Santarem:

«... significando-lhe quão importante será para o districto do Porto a nomeação de v. ex.^a para aquelle importante cargo.»

Do administrador do concelho de Paredes: *

«É grande dever meu felicitar v. ex.^a, mas mais devo felicitar o districto pelo motivo de tão acertada escolha.»

Do ajudante do procurador regio do Porto:

«... felicitando a v. ex.^a e a todo o districto do Porto pela acertada nomeação que para tão elevado cargo fez o governo de Sua Magestade de um tão distincto engenheiro, e do quão justificada foi esta nomeação, dão testemunho os applausos da opinião publica e os importantes melhoramentos com que se acha dotado o districto de Aveiro, e cujo plano de perfeita execução se deve á intelligente direcção de v. ex.^a»

Collocado no Porto como director das Obras Publicas, e alargada, por assim dizer, a zona da sua inquebrantavel actividade, Araujo e Silva ligou, dentro em pouco, o seu nome a um sem numero de projectos notaveis, taes como os das pontes metallicas da Ermida, sobre o Douro, da de Villa do Conde e da de pedra de Canninhas; os projectos do hospital do Bomfim, do grandioso hospital da Misericordia de Penafiel, do dispensario da Rainha D. Amelia e o projecto definitivo da conclusão da Academia Polytechnica. São seus os projectos de nove quartéis e quatro casas de despacho na Estrada de Circumvallação do Porto; são egualmente seus os projectos das novas aulas e *atelier* de pintura da Academia Portuense de Bellas Artes, e o primitivo do edificio das Irmãsinhas dos Pobres, do Porto, o do Asylo das Aguas-Ferreas, o do edificio do novo Aljube no Porto, o do novo Laboratorio Chimico-Agricola, o das obras interiores e exteriores feitas no theatro de S. João, para garantia do publico, no caso de incendio, bem como o das officinas do *Commercio do Porto*.

Não devem egualmente ser esquecidos os projectos do bello edificio da Creche da Afurada, iniciativa do *Commercio do Porto* e o da Escola Industrial Faria Guimarães.

Na fabrica de papel do Caima, pertencente áquelle jornal, tomou parte importante com relação ao projecto e trabalhos. A este respeito diz o sr. Fernandes Costa, no *Almanach Bertrand* de 1903:

«Os modelos para o edificio e suas dependencias vieram do estrangeiro, sendo a construcção dirigida superiormente pelo distincto engenheiro, conselheiro Antonio Ferreira de Araujo e Silva, director das Obras Publicas do Porto.»

Deve-se ainda á sua iniciativa a nova avenida de Gaya. Durante a sua gerencia tem-se construido a Estrada de Circumvallação do Porto, medindo 17 kilometros.

Por todos os seus projectos de iniciativa particular, elaborados sempre nas horas feriadas do serviço official, nunca recebeu Araujo e Silva outra remuneração ou recompensa que não fosse o agradecimento e o applauso das corporações ou individuos a quem elles aproveitam.

São significativos e eloquentes muitos d'esses agradecimentos.

A Misericordia de Penafiel, essa, reconhecida

aos desinteressados e relevantissimos serviços de Araujo e Silva na edificação do seu grandioso hospital, cujo projecto elle executou e cuja obra superiormente dirigiu, fez collocar alli o seu retrato, que foi inaugurado, conjunctamente com o novo hospital, em 24 de junho de 1894.

Referindo-se a esta festa, escreviam de Penafiel ao *Commercio do Porto*, no dia immediato a ella:

«Foi hontem patenteada ao publico a parte já construida do edificio para o novo hospital da Misericordia.

«Apezar da medonha trovoada que, ao meio da tarde, pairou sobre a cidade, foi grande a concurrencia de pessoas de todas as classes, que ficaram agradavelmente surprehendidas com a grandiosidade do edificio, rapidez e bem acabado da construcção e sobretudo pelo preço exiguo, quasi inacreditavel, por que tem ficado.

«Tão satisfactorios resultados devem-se, na maxima parte, á intelligencia experimentada, incansavel zêlo e inexcedivel boa vontade do digno director das Obras Publicas d'este districto, sr. conselheiro Antonio Ferreira de Araujo e Silva. Foi s. ex.^{ta} quem fez o projecto e orçamento do edificio e tem

seguido a construcção com tão superior criterio, com tão incansavel zêlo, que dando os resultados hontem admirados por todos, patenteiam bem, no funcionario uma conscienciosa austeridade, no homem uma generosidade de coração, e em tudo e sempre, uma nobreza de character bem pouco vulgares.

«Tão proficuos e desinteressados serviços já tinham captivado a gratidão dos mezarios da Santa Casa, que julgaram do seu dever inaugurar o edificio descerrando solemnemente o retrato do benemerito engenheiro collocado em logar de honra.

«Muito bem! Os serviços que o sr. conselheiro Antonio Ferreira de Araujo e Silva tem prestado á Misericordia d'esta cidade obrigam de tal modo o concelho, pelo seu valor, pelo desinteresse, pela boa vontade enthusiastica com que são prestados, que, se entre nós se usasse, como no estrangeiro, os municipios darem os fóros de seus cidadãos honorarios aos seus benemeritos, tal diploma devia ser conferido pela camara de Penafiel ao nobre director das Obras Publicas; o concelho não podia esperar mais solitudine, ainda mesmo de um seu filho.

«O sr. conselheiro Araujo e Silva, o esclarecido director das Obras Publicas do districto do Porto,

prestou um concurso brilhante á realisação d'este melhoramento, concurso espontaneo, que revela a grandeza da sua alma.

«Com a sua habitual e superior proficiencia, traçou o trabalhoso projecto do hospital, offerecendo-o depois á Santa Casa, á qual poupou assim um sacrificio extraordinario. Este rasgo de generosidade pôz em evidencia o seu acrisolado patriotismo e a inteireza do seu nobilissimo character.

«O sr. Araujo e Silva foi incansavel em fiscalisar e examinar os trabalhos de construcção, captando, como cavalheiro e como funcionario, a estima publica e a gratidão dos penafidelenses, que consideram immensamente o seu nome prestigioso, dispensando-lhe as mais calorosas manifestações de sympathia sempre que os honra com a sua visita.

«Como homenagem aos seus valiosos serviços e canceiras, foi o seu nome inscripto n'uma lamina de bronze em uma das melhores ruas de Penafiel, e o seu retrato abrilhanta, como dissémos, a galeria dos bemfeitores da Misericordia.

«S. ex.^a tem exercido importantes e espinhosas commissões de serviço, dedicando á cultura da poesia as horas de repouso que lhe concede o seu cargo. Possui a carta de Conselho e é cavalleiro da

antiga ordem de S. Thiago do merito scientifico, litterario e artistico.»

A' festa, que foi luzidissima, refere-se igualmente o relatorio da Santa Casa da Misericordia de Penafiel, referente ao anno de 1893-1894, d'onde extrahimos estes trechos:

«Explendidas as festas realisadas n'esta cidade por occasião da inauguração do novo Hospital da Santa Casa da Misericordia. Sem receio se póde dizer que nunca se realisaram aqui festejos maiores nem mais imponentes. O enthusiasmo era immenso e geral. Todos os habitantes da nossa terra e muitos outros dos concelhos visinhos correram pressurosos a partilhar das mil diversões que ahi houve ante-hontem e que se succederam sem o menor incidente, sem a mais leve nota de desgosto. Uma extraordinaria concorrencia de pessoas tornava por vezes quasi intransitavel a avenida Araujo e Silva e o grande largo fronteiro ao novo hospital. É este de uma construcção digna de se vêr, um monumento que engrandece Penafiel e que se torna crédor dos mais levantados encomios.

«Sem estylo architectonico perfeitamente definido, mas de architectura moderna, elegante e simples, como convém a um edificio de tal ordem, o projecto foi elaborado pelo sr. conselheiro Antonio Ferreira de Araujo e Silva, engenheiro director das Obras Publicas do districto do Porto.

«Entre os primorosos brindes levantados no opiparo jantar de festa, realisado em casa do sr. Barão do Calvario, destacou-se o do sr. conego Alves Mendes, pondo em relevo por um modo prodigioso, como só s. ex.^a seria capaz de o fazer, o talento e o valioso auxilio do sr. conselheiro Araujo e Silva no proseguimento dos grandes trabalhos do novo hospital.

«Terminado o jantar passou-se ao salão nobre onde foi servido o café. O sr. provedor, levantando nos braços o sr. governador civil, foi este cavalheiro alvo das mais francas provas de sympathia merecida, sendo saudado com uma prolongadissima salva de palmas. O dignissimo provedor ergueu por igual modo nos braços o illustre conselheiro Araujo e Silva e dr. Alves Mendes. Não se descreve tanto enthusiasmo, não ha palavras que signifiquem e exprimam o sentimento geral de gratidão ante cavalheiros tão distinctos e benemeritos. As salvas de palmas succediam-se indefinidamente e

muito augmentaram de valor ao ser erguido nos braços pelo sr. Albano da Costa Babo o sr. Laurentino da Rocha Nunes. Um delirio e nada mais.

«O sr. conselheiro Araujo e Silva, ergueu um viva a Penafiel, e lá seguiu caminho do Porto aquelle amigo d'esta nossa terra, que tantos e tão grandes beneficios lhe deve. O nome sympathico de Araujo e Silva é hoje sufficientemente conhecido entre nós e immensamente respeitado, e d'isso é merecedor s. ex.^a pela amisade hoje quasi fraternal com que nos honra.»

Como epilogo a tudo isto vamos transcrever o que o incomparavel orador sagrado, conego Alves Mendes, escreveu no livro da inauguração do hospital.

Foi esta pagina:

«Na penumbra de dous seculos levanta-se este monumento como um symbolo: — o symbolo da civilização portugueza legado pelo seculo XIX ao seculo XX. Isto, que parecerá um paradoxo ou uma affirmação banal, condensa simplesmente e a rigor, condensa e estampa uma realidade excelsa, uma verdade sublime. Se a plenitude da civilização, da alta civilização, é a caridade, e o hospital o timbre

e o primor da caridade, torna-se evidentissimo que este famoso *Hospital*, sem duvida um dos primeiros do paiz, ao brazonar culminantemente a caridade, abalisa-lhe gloriosamente a civilisação. Um tal monumento, pois, affixa e gradua, serve de coronal, de estalão e de thermometro á temperatura de um povo e á grandeza de um seculo. Eu creio vivamente na perfectibilidade humana, na progressividade humana. Os ultimos são sempre os primeiros. Nunca, como agora, houve tanta cultura e tanta misericórdia no mundo. Ha sombras, bem o sei, espessas sombras n'este quadro; mas quem nega a civilisação por que tem sombras, é capaz de negar o sol porque tem manchas. Pura caturrice ou redonda parvozeza, que tanto valem como nada. E o certo é que, a despeito d'estas sombras, a civilisação fulgura e a humanidade avança. O homem vae crescendo e melhorando sempre:— com a bussula cresceu no mar, com a descoberta cresceu no planeta, com a imprensa cresceu no tempo, com o telescopio cresceu no espaço, com o trabalho cresceu na historia, e com a fé e a sciencia e a piedade e a virtude tem crescido e subido, e cresce e braceja e sobe incessantemente e inquebrantavelmente por Deus. Pois bem: aquelle que desejar, na ordem moral e social, a medida exacta d'este cres-

cimento, consegue-o de prompto aqui:— compare os antigos *Albergues* da pobreza, tetricos, humidos, frios, abafados, escuros, estreitissimos, de aspecto miseravel ou mesquinho, onde os enfermos eram fechados como catalepticos no seu caixão; compare isso tudo a este moderno e magnifico *Hospital* penafidense, de córte sumptuoso e nobre, alegre, alvejante, gentil, rasgado a pleno ar e a plena luz, de proporções vastas e compartimentos amplissimos, confortavel ao extremo apuro e hygienico á maxima tensão, onde os invalidos encontram amorooso agasalho, alimento e cama, e onde os enfermos entram como em palacio para serem tratados á grande; sim, compare e pondere tudo isto, e, de olhos na consciencia, diga abertamente: se ascende ou não, vibrante e avantajado, o aperfeiçoamento humano, se a civilisação vinga e a beneficencia triumphá, se é mentira a solidariedade no progresso e se é falsa a solidariedade na desgraça!... Ah! felizes os pobres que assim alcançam uma consolação immensa! E mais felizes os misericordiosos, os bemfeitores da pobreza, que, por isso, alcançãõ uma bemaventurança infinita: *Beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequuntur!*

Penafiel, 24-6-94.

Alves Mendes.»

Precisamente um anno depois realisava-se em Penafiel uma outra festa não menos sympathica. Inaugurava-se alli a avenida Araujo e Silva. O *Journal de Penafiel*, de 26 de junho de 1895, descreve-a assim:

Avenida Araujo e Silva

«Foi hontem a inauguração da avenida Araujo e Silva, um dos nossos primeiros melhoramentos e que estabelece a communição entre o centro da cidade e o novo hospital da Santa Casa da Misericordia, e de cuja inauguração passou hontem tambem o primeiro anniversario.

«Á inauguração da avenida Araujo e Silva veio assistir o sr. conselheiro Antonio Ferreira de Araujo e Silva, digno director das Obras Publicas d'este districto.

«S. ex.^a, que vinha acompanhado de s. ex.^{ma} esposa, foi esperado na estação d'esta cidade pela camara municipal, meza da Santa Casa da Misericordia, Associação Commercial, muitos outros cavalheiros da nossa primeira sociedade e crescido numero de operarios, tocando n'esta occasião duas

bandas de musica e sendo s. ex.^a saudado com vivas manifestações de sympathia.

«Comprimentado o sr. conselheiro Araujo e Silva por todos os cavalheiros presentes, tomaram s. ex.^a e ex.^{ma} esposa o seu logar na carruagem do sr. presidente da camara, com este cavalheiro e o sr. Laurentino da Rocha Nunes, solícito provedor da Santa Casa da Misericordia. Seguia-se crescido numero de carruagens, conduzindo todas as pessoas, que haviam esperado o digno director das Obras Publicas do districto. Precediam o cortejo muitos operarios, á frente dos quaes ia hasteada a bandeira nacional, seguindo-se-lhes a banda de Nossa Senhora do Carmo.

«O sr. conselheiro Araujo e Silva entrou n'esta cidade cerca das dez horas e meia da manhã, dirigindo-se pelas ruas Formosa e Serpa Pinto para casa do sr. dr. Adriano de Sequeira, onde lhe foi servido o almoço, que teve um character todo intimo.

«Na sua passagem por aquellas ruas, foi s. ex.^a muito saudado, sendo-lhe lançadas na carruagem muitas petalas de rosas das janellas, que estavam repletas de senhoras.

«Findo o almoço, o sr. conselheiro Araujo e Silva e sua ex.^{ma} esposa visitaram os paços do concelho, onde se demoraram por algum tempo, se-

guindo depois com a camara e varios cavalheiros que os acompanhavam para a inauguração da nova avenida.

«A *avenida Araujo e Silva* ostentava uma ornamentação simples, mas vistosa e elegante. Em todo o seu percurso, d'um e outro lado erguiam-se muitos mastaréus com bandeiras e plintos, columnatas com vasos de flores e grinaldas de hera. Ao principio da *avenida* estava levantado um bonito arco, profusamente embandeirado, tendo na base, d'um lado e d'outro, uma especie de palanquins, d'onde foram lançadas flores por lavradeiras trajando á moda do Minho.

«Ao chegar o cortejo debaixo d'esse arco, o sr. conselheiro Araujo e Silva desenlaçou duas grandes fitas de seda, azul e branca, que impediam o transitio a toda a largura da *avenida*, dando assim curso á grande multidão que alli se juntava e que rompeu em entusiasticas saudações a s. ex.^o ao som do hymno nacional executado por duas bandas de musica e ao estrugir continuado de muitas girandolas de foguetes.

«N'esta occasião o sr. conselheiro Araujo e Silva correspondeu bizarramente a estas manifestações, abraçando com effusão o sr. Joaquim Pereira de Sotto-Mayor e Menezes, digno presidente da

camara, e o solicito provedor da Misericordia, sr. Laurentino da Rocha Nunes.

«O sr. presidente da camara procedeu em seguida á descerração da primeira placa metallica indicativa da designação da *avenida Araujo e Silva*. O cortejo seguiu depois até á frontaria do hospital da Misericordia, descerrando-se ainda mais duas placas identicas e que se achavam cobertas por bandeiras de seda azul e encarnada.

«No atrio do hospital eram o sr. conselheiro Araujo e Silva e sua ex.^{ma} esposa esperados pela meza da Santa Casa da Misericordia, subindo depois ao salão nobre d'aquelle edificio onde foram cumprimentados pelo pessoal do serviço interno e felicitados pelas internadas do Asylo das Raparigas Pobres e que offereceram a suas ex.^{as} elegantissimos *bouquets*, como penhor da sua muita e sincera gratidão aos serviços prestados por suas ex.^{as} áquella sympathica instituição de caridade.

«A ex.^{ma} esposa do sr. conselheiro Araujo e Silva, por esta occasião, brindou a asylada Rita Pereira Neves com um lindo livro de missa, distribuindo tambem bonitos chromos para marcas de livro pelas outras differentes asyladas.

«Suas ex.^{as}, depois, com todos os cavalheiros que os acompanhavam, fizeram uma visita minu-

ciosa e demorada a todas as installações hospitalares e ao Asylo das Raparigas Pobres, apreciando e elogiando muito a ordem e aceio em que se achavam as dependencias d'aquelles dois importantes estabelecimentos.»

Variadissimas téem sido as commissões de serviço official confiadas a Araujo e Silva, desde que está á frente da Direcção das Obras Publicas do districto do Porto, e mesmo antes.

Por despacho de 18 de junho de 1887 foi nomeado, com os engenheiros Augusto Ferreira e Barros Leal, para procedêr ao exame e estudo do caminho de ferro do rio Douro ás minas do Pejão, em Pedorido, concelho de Paiva.

Por despacho de 14 de julho de 1888 foi nomeado membro da commissão de exame e provas dos taboleiros metallicos das obras d'arte do ramal de Campanhã á Alfandega, bem como da verificação das correccões mandadas fazer ao tunel do Porto.

Por despacho ministerial de 27 de março de 1888 é incumbido da missão especial de projectar uma ponte de pedra, em Canninhas, sobre o rio Paiva, districto de Vizeu.

Em 3 de setembro de 1891 foi nomeado membro da comissão de exame do estado de segurança da ponte Maria Pia, e tunel da Serra, tendo por colegas os srs. Affonso Joaquim Nogueira Soares e José de Mattos Cid.

A 4 de junho de 1892 é encarregado de, conjuntamente com os engenheiros srs. João Joaquim de Mattos e Francisco Perfeito de Magalhães, proceder ao exame e recepção provisória da empreitada D, do troço do caminho de ferro de Campanhã a S. Bento.

Por despacho de 18 de junho de 1892 fez parte da comissão, de que eram vogaes os seus collegas, srs. João Joaquim de Mattos e Francisco Perfeito de Magalhães, encarregada de proceder ao exame e recepção definitiva da empreitada C, do troço do caminho de ferro de Campanhã a S. Bento.

Por outro de 10 de outubro de 1892 foi nomeado, juntamente com os engenheiros srs. João Pedro Tavares Trigueiros e Augusto Cesar Justino Teixeira, para proceder á inspecção do caminho de ferro de S. Gens a Leixões, a fim de ser concedido á Companhia do Caminho de ferro do Porto á Povoação de Varzim.

Em 15 de dezembro de 1893, tendo por collegas os srs. Estevão Torres e João José Pereira

Dias, é incumbido de proceder ás provas do taboleiro metallico da ponte de Pedorido, concelho de Paiva.

Por despacho de 31 de março de 1894 foi nomeado, conjunctamente com os engenheiros srs. Bento de Moura Coutinho de Almeida d'Eça e José de Mattos Cid, para examinar os trabalhos de recepção do tunel da Serra do Pilar.

Por portaria de 8 de outubro de 1895 é nomeado presidente para, em commissão com os engenheiros Mello de Mattos e Souza Monteiro, proceder á vistoria e provas da ponte metallica sobre o Vouga, em S. João de Soure, districto de Aveiro.

Por despacho do ministerio da fazenda de 21 de julho de 1902 foi nomeado presidente da commissão de inquerito ás fabricas de alcool da circumscripção aduaneira do norte, tendo por vogaes um sub-inspector da alfandega e o commissario regio dos alcooes.

Por portaria do ministerio do reino, datada de 2 de maio de 1903, foi nomeado, com os lentes da Academia Polytechnica dr. Gomes Teixeira, dr. Ferreira da Silva, Francisco de Azeredo, dr. Pedro Teixeira e Bento Carqueja, para propôr as condições em que devem ser installadas as aulas e dependencias no novo edificio.

Por portaria de 10 de janeiro de 1905 é nomeado para uma outra commissão a que o *Primeiro de Janeiro*, no seu numero de 14 d'aquelle mez, allude nos seguintes termos :

Conselheiro Araujo e Silva

«Por portaria de 10 do corrente foi nomeada uma commissão composta dos engenheiros srs. Antonio Ferreira de Araujo e Silva, Alberto Affonso da Silva Monteiro e Pedro Arnaut de Menezes, o primeiro director das Obras Publicas do Porto, e os outros dois directores em Lisboa, a fim de procederem á vistoria e apreciação de varios predios, propostos ao governo, para armazens de alcool. Sob a presidencia do sr. conselheiro Araujo e Silva, a commissão vae desde já iniciar os seus trabalhos no Porto, em Sacavem e em Lisboa.

«A escolha do illustre director das Obras Publicas d'este districto para presidente, é mais uma prova do merecido conceito em que é tido nas altas regiões do Estado.»

Por portaria do ministro da justiça de 20 de outubro de 1905 foi incumbido, juntamente com o governador civil, presidente da camara, director da Colonia Agricola de Villa Fernando e director das cadeias da Relação do Porto, de estudar e apresentar as condições a que deve obedecer um edificio de prisões, seus compartimentos, annexos, orientação, capacidade, segurança e hygiene, indicando o local conveniente para a grandiosa construção.

Provas de elevada consideração e testemunhos de profundo reconhecimento, tem-nos recebido Araujo e Silva em larga escala, mas tudo isso, e muito mais ainda, elle merece e a isso tem direito como ninguem.

Antigo alumno, premiado e louvado pela Academia Portuense de Bellas-Artes, Araujo e Silva demonstrou sempre o seu amor de filho d'aquelle estabelecimento artistico. Em 1899 o ministro das Obras Publicas, Elvino de Brito, encarregou-o de proceder aos melhoramentos que julgasse indispensaveis no edificio respectivo, dando-lhe carta branca. Pois foram taes e tão relevantes os servi-

ços prestados que, em Conselho, a Academia propôz e obteve do governo a nomeação de Araujo e Silva para seu membro honorario.

Ainda no primeiro dia do mez de dezembro ultimo, por occasião da cerimonia da distribuição de premios aos alumnos, o sr. conde de Samodães, referindo-se elogiosamente ao nosso biographado, «declara ser-lhe grato, depois das explanações feitas, pôr em destaque os relevantissimos serviços prestados á Escola Portuense de Bellas-Artes por um dos seus mais dedicados amigos, ali presentes, o sr. conselheiro Araujo e Silva, illustrado director das Obras Publicas, a quem se deviam os melhoramentos materiaes d'aquelle estabelecimento, pois fôra esse cavalheiro quem, sob as ordens do finado ministro das Obras Publicas, Elvino de Brito, restaurára o edificio, tendo-lhe sempre consagrado os maiores cuidados.»

Da inquebrantavel actividade e louvavel energia de Araujo e Silva, diz mais que o bastante este facto:

Quando nos primeiros dias de setembro de 1899 o Porto era circumdado por um cordão sanitario,

imposto pela denominada peste bubonica, dando-se n'um dia o exodo de mais de vinte e cinco mil pessoas, apavoradas pela epidemia, encontrava-se Araujo e Silva á testa dos trabalhos de construcção do hospital do Bomfim, executando com urgencia o seu projecto, que tão lisongeiras referencias mereceu dos medicos estrangeiros, que por essa occasião o visitaram.

Com ordem do governo e a pedido do governador civil percorria Araujo e Silva, sem a mais leve sombra de medo, os focos de infecção, aconselhando as medidas a tomar e as obras a fazer nos predios invadidos pela epidemia.

Em 5 d'aquelle mez recebia á meia noite um extenso telegramma do seu ministro, com cerca de duzentas palavras, começando pelos seguintes períodos:

«Confio no zelo de v. ex.^a, de que dará viva demonstração na presente conjuntura. Faço maximo empenho em que obras lazareto Ermezinde concluem em seis dias. Dou a v. ex.^a auctorisação ampla. Faça trabalhar dia e noite, podendo contar com recursos extraordinarios.»

Depois de auctorisar Araujo e Silva a dispôr do pessoal dos caminhos de ferro e a evitar todos os obstaculos, terminava :

«Difficuldades serão tambem resolvidas pelo telegrapho. Espero v. ex.^a dará agora provas do seu zêlo, não desperdiçando um só momento, e pondo em pratica a sua actividade. Tomarei na consideração devida este importante serviço.»

Desnecessario será dizer que os desejos do ministro foram por tal fôrma satisfeitos, que em 11 de setembro era referendada uma portaria de louvor, pelo zêlo e actividade com que Araujo e Silva contribuiu para obstar á propagação da epidemia.

Outras commissões, ainda de character official, tem desempenhado Araujo e Silva, taes como differentes trabalhos da camara do Porto; inspecção ao quartel do Carmo, por indicação do ministerio do reino, etc. E sem character puramente official quantos trabalhos dignos de menção tem realisado o distinctissimo engenheiro!

Por serviços generosamente prestados, Araujo e

Silva está inscripto como benemerito nas Ordens da Lapa, Trindade e Nossa Senhora do Carmo, do Porto; na Associação das Creches de Gaya, na Associação Protectora da Infancia do Porto; na Santa Casa da Misericordia de Penafiel, que lhe offerteram honrosos diplomas, testemunhos do seu grande reconhecimento.

A Ordem da Trindade, essa, deve a Araujo e Silva a soberba tribuna da sua formosissima igreja. Do que é esta obra, disse ha poucos mezes *O Commercio do Porto* com a competencia que todos lhe conhecem :

bibRIA
O templo da Trindade

«Está quasi concluida a magestosa tribuna do altar-mór do grandioso templo da Ordem Terceira da Santissima Trindade.

«Essa obra notavel foi generosamente delineada e construida sob a competentissima direcção do illustre engenheiro sr. conselheiro Antonio Ferreira de Araujo e Silva e esplendidamente executada pelos afamados entalhadores srs. Zeferino José Pinto & Filho.

«São correctissimas as linhas da tribuna e o seu conjunto é de soberbo effeito, avultando magestosamente ao fundo do vasto templo.

«Realmente só uma obra de tão avantajadas proporções seria adaptavel a um templo, que o grande architecto Cruz Amarante delineou com tal largueza de linhas architectonicas.

«E, na verdade, a tribuna como que zomba das amplas arcarias e das largas faixas e cornijas, que parecem tentar dominal-a.

«O socco da tribuna é feito de marmore rosa e d'ahi para cima desenvolve-se a complexa obra de talha de madeira, que os srs. Zeferino José Pinto & Filho executaram a primor.

«Sustentam o entablamento quatro volumosas columnas, cujos fustes são ornados de grinaldas, sendo a architrave, friso e cornija ornatados com parcimonia, mas com motivos do melhor effeito.

«Corôam as columnas dous anjos corpulentos, ajoelhados, tendo 2,^m30 de altura.

«Na cimalha avultam a cruz da Ordem e a tiara e corôam-na dous outros anjos de 2,^m0 de altura, amparando as armas da mesma Ordem, cuja corôa topa na abobada do templo.

«E todas estas peças se congregam na maior harmonia, offerecendo um effeito surprehendente,

sobretudo pela imponencia da sua estrutura e pela correcção das suas linhas architectonicas.

«O altar é um mimo de lavor em madeira. O frontal ostenta uns singelos mas delicadissimos motivos decorativos. Ao longo do degrau destinado á banquetta desenvolve-se uma primorosa raphaela.

«E na base do throno, cujo camarim é adornado de delicados apainelados de talha, avulta o sacrario, elegantissimo nas suas porporções, e cuja cupula é encimada por um airoso pelicano, com as azas completamente abertas.

«Emfim, a tribuna é uma obra notavel, não só como composição architectonica, como pela execução primorosa de toda a obra de talha.

«Dá mais uma affirmação da elevada competencia de quem a dirigiu, o sr. conselheiro Araujo e Silva, que em multiplos e variados trabalhos tem affirmado o seu saber; e honra a arte da esculptura em madeira, que tem nos srs. Zeferino José Pinto & Filho os cultores eximios, que deixaram o seu nome vinculado a obras notaveis, como o salão arabe do palacio da Associação Commercial do Porto.

«Póde asseverar-se que poucas tribunas haverá no paiz, que offereçam a magestade da da egreja da Ordem da Trindade.

«E se aquella grandiosa fabrica muito sobresahe agora, mais sobresaheira ainda quando estiver dourada e pintada segundo o plano do sr. conselheiro Araujo e Silva.

«A tribuna offerecerá, porém, toda a sua imponencia, quando venha a construir-se o grandioso zimbório do *transept*, para o qual o sr. conselheiro Araujo e Silva já esboçou o projecto, no intuito de que seja construido de ferro e crystal.

«Sabemos que o infatigavel e desveladissimo prior da Ordem, sr. Manoel Francisco da Costa, e os mezarios seus dedicados collegas, têm o maior empenho de realisar essa obra monumental, se forem auxiliados pelos benemeritos, cuja generosidade tem operado milagres n'aquella prestantissima instituição pia. Oxalá esse auxilio appareça em breve.

«Desde que a luz entre a jorros no vasto templo, a soberba tribuna, que sobresahe já imponente, ostentará então, garbosamente, toda a magestade das suas proporções e todas as bellezas da sua traça correctissima.»

Sobre o assumpto publicou tambem o *Jornal de Noticias*, no seu numero 127 de 29 de maio ul-

timo, um extenso artigo, do qual destacamos os seguintes periodos :

« Todavia, apesar de todas as dedicações, uma coisa faltava concluir — era a capella-mór, que, sendo planeada com grande riqueza, não podia ser terminada por falta de meios.

« A mesa actual, porém, animada pela generosidade de alguns bemfeitores e contando com a piedade e liberalidade dos portuenses, deu novo impulso ás obras que proseguem rapidamente, devendo estar concluidas dentro d'um anno.

« Como já tivemos occasião de dizer, a mesa encontrou valioso auxilio na collaboração habilissima, desinteressada, do sr. conselheiro Araujo e Silva, director das Obras Publicas do districto. Sua ex.^a, com a competencia que todos lhe reconhecem, alterou criteriosamente o projecto primitivo e modelou em barro o projecto definitivo, agora em plena execução. A nossa gravura representa a *maquette* modelada pelo distincto engenheiro e por ella podem os leitores avaliar como ficarão artisticamente rematadas as obras do mais amplo templo da cidade. »

Com o seu grande amor ao trabalho e dedicação pela causa publica hombraia a nobilissima alma de Araujo e Silva. Esta enternece-se facilmente e d'ella brota o bem a jorros. Haja vista como Araujo e Silva ainda ha bem poucos annos acolheu os operarios tecelões, obrigados a procurarem nas Obras Publicas os recursos para a sua subsistencia. De como elle se houve, são testemunho eloquentissimo a maneira como aquelles corresponderam aos favores recebidos, e que está bem expressa n'este artigo, que *O Primeiro de Janeiro* publicou no seu numero de 15 de março de 1903:

bibRIA
Conselheiro Araujo e Silva

«É inaugurado, hoje, na Associação de Classe dos Operarios Tecelões d'ambos os sexos no Porto, o retrato do sr. conselheiro Antonio Ferreira Araujo e Silva, illustre director das Obras Publicas d'este districto. Trata-se d'uma homenagem de reconhecimento d'esses sympathicos trabalhadores ao espirito generoso que lhes tem sido de desvellada protecção. Se, como engenheiro, possui qualidades de elevado apreço, demonstradas em serviços im-

portantes, e se, como funcionario, conta uma carreira notavel de zelo e rectidão, o respeitavel director das Obras Publicas é um character de extrema pureza e um coração de affectuosissima bondade.

«A homenagem que lhe conferem os tecelões do Porto, por muito singular e espontanea, apresenta uma tocante significação, manifestando no agradecimento dos humildes a grandeza d'alma d'aquelle a quem é endereçada. Na convicta consideração que nos merece e na intima estima que lhe votamos, entramos largamente n'esse preito, que deve commover de profunda maneira o sr. conselheiro Araujo e Silva na sua tão verdadeira e nobilitante expressão.»

Noticiando o facto, escreveu igualmente *O Comercio do Porto*, no seu numero 17 do mesmo mez e anno:

Associação dos Operarios Tecelões

«Na séde da Associação de Classe dos Operarios Tecelões de ambos os sexos do Porto effectuou-se ante-hontem uma sessão solemne, com o fim de commemorar a inauguração do retrato do

sr. conselheiro Antonio Ferreira de Araujo e Silva, illustrado director das Obras Publicas d'este districto, e como prova de reconhecimento pelos beneficios liberalisados pelo mesmo cavalheiro áquella associação.

«Presidiu á festa, que decorreu entusiastica e significativa do sentimento que a inspirára, o sr. Manoel da Silva Guimarães, secretariado pelos srs. Belmiro Martins e Joaquim de Souza Ribeiro.

«O sr. conselheiro Araujo e Silva, não tendo podido assistir á justa manifestação que lhe era tributada, fez-se representar pelos empregados superiores da repartição de Obras Publicas, srs. Eduardo Alves da Silveira, Abilio Faustino de Andrade e Joaquim de Souza Ribeiro.

«Descerrado o retrato pelos secretarios da meza, eccoaram na sala unisonas salvas de palmas, entremisturadas com aclamações de regosijo.

«O sr. presidente expõe o objectivo da festa, dizendo que, na sua modestia, ella traduzia os sentimentos de gratidão de toda a collectividade, pois é sabido que o sr. conselheiro Araujo e Silva tem, em differentes conjuncturas, como succede presentemente, proporcionado trabalho nas Obras Publicas a muitos dos seus membros, suavisando-lhes assim a penosa situação em que, sem esse

benefico auxilio, se encontrariam e, com elles, as respectivas familias.

«No mesmo sentido se exprimiram tambem os srs. Joaquim Pereira Vianna, Leontina Vianna, Guilherme Gonçalves Baptista, Adolpho de Magalhães, José Henrique Correia, Antonio Sanches, Albano Maia, João de Brito Feio e outros.

«Todos elles, como fica dito, se referiram encomiasticamente ao sr. conselheiro Araujo Silva, classificando-o de pae adoptivo dos operarios e apreciando-o sob o triplice aspecto de funcionario distincto, cavalheiro de nobilissimas qualidades de caracter, e, sobretudo, um desvelado protector das classes proletarias.

«A assistencia, muitissimo numerosa, associou-se á manifestação festiva, applaudindo vivamente os oradores.

«Na sala, vistosamente ornamentada, tocava o Grupo Musical Recreativo Soares Dias.

«Fizeram-se representar treze associações de classe, algumas d'ellas com as suas bandeiras.

«Exteriormente o edificio achava-se embandeirado.

«Resta dizer que o retrato do conselheiro Araujo e Silva, ricamente emmoldurado, é uma formosa platinotypia, de irreprehensivel execução artistica,

fazendo honra á photographia Medina, que a produziu.»

Nem só os jornaes do Porto se fizeram ecco da festa; em Lisboa houve um que, pela sua natureza especial, como o seu titulo indica—*O Tecido*— não pôde deixar de ser lembrado. Disse este jornal:

«A homenagem de gratidão e respeito promovida pelos tecelões ao sr. Araujo e Silva, justifica-se plenamente; s. ex.^{ta}, comquanto viva n'um outro meio, não tem deixado de olhar com attenção e carinho por aquelles infelizes que estão confiados á sua auctoridade.

«Homens que se condoem das dôres alheias, como o sr. Araujo e Silva, são joias que não abundam n'esta putrida sociedade; por isso a sympathica homenagem dos tecelões foi justissima.»

*

Pallida recompensa dos serviços prestados por Araujo e Silva são estas mercês e louvores officiaes:

Decreto de 10 de janeiro de 1889 condecorando-o, sob proposta do ministerio da guerra, com o grau de cavalleiro da Ordem Militar de S. Thiago do merito scientifico, litterario e artistico, em attenção ao projecto e construcção do quartel de cavallaria em Aveiro, a que já nos referimos.

Decreto de 24 de novembro de 1892 agraciando-o, sob proposta do ministerio das Obras Publicas, com a Carta de Conselho, como galardão aos serviços prestados no exercicio das suas funcções.

Diploma assignado por El-Rei, em 1 de dezembro de 1890, premiando-o com a medalha de prata, como cooperador da Exposição Industrial Portuguesa, de Lisboa.

Portaria de louvor, expedida pelo ministerio das Obras Publicas em 8 de setembro de 1899, em attenção ao zêlo, intelligencia e actividade que demonstrou nos serviços prestados por occasião da peste no Porto.

Portaria de louvor, expedida pelo ministerio das Obras Publicas em 6 de dezembro de 1899, pela actividade, zêlo e superior criterio nos trabalhos das zonas em volta do Porto, na época da peste.

Decreto de 25 de outubro de 1900 agraciando-o com a commenda da Ordem Militar de Nossa Se-

nhora da Conceição de Villa Viçosa, proposta pelo ministro do reino, como reconhecimento pelos serviços civicos prestados na direcção das obras do monumento levantado ao Infante D. Henrique.

Portaria de 24 de outubro de 1901, do ministerio do reino, nomeando-o Academico Honorario da Academia Portuense de Bellas-Artes, por serviços e atenções prestadas áquelle estabelecimento artistico.

Portaria de 11 de agosto de 1903, mandada expedir pelo ministro das Obras Publicas, louvando-o pela competencia e zêlo com que tem dirigido as obras do edificio da Academia Polytechnica.

A estas mercês honorificas, aos louvores de toda a ordem, emanados tanto das repartições superiores como de differentes identidades e corporações, ha ainda a juntar um documento official, de alto valôr burocratico, que synthetisa bem o procedimento sempre correcto e digno de applauso de Araujo e Silva, como director das Obras Publicas do Porto. É o officio que em 30 de dezembro ultimo, o ex-inspector da 1.^a Inspecção permanente de estradas, sr. conselheiro Casimiro de Menezes, ao deixar esta commissão, que desempenhou durante quatro

annos, agradece em phrases captivantes o valioso auxilio que lhe prestou Araujo e Silva, e em que se lê este honroso periodo :

«Cumpre-me tambem o grato dever de manifestar a v. ex.^{ta} que na direcção das Obras Publicas do districto do Porto, ao mui digno cargo de v. ex.^{ta}, nunca tive de notar a mais leve incorrecção nos serviços technicos e administrativos inherentes ás inspecções, nem em outros de character provisorio.»

bibRIA

Durante o largo periodo de serviços, prestados ao ministerio das Obras Publicas, Araujo e Silva nunca pediu nem gosou qualquer licença; nunca fez pedido algum de gratificação extraordinaria, nem lhe foi conferida; tendo-se restringido exclusivamente aos vencimentos que por lei expressa lhe competem.

Estes factos caracteristicos constituem um honroso attestado para Araujo e Silva e provam a abnegação e desinteresse pecuniario com que serve a causa publica.

A imprensa periodica tambem nunca regateou louvores a Araujo e Silva; seria necessario um grosso volume para os reproduzir. Na impossibilidade de os enfeixar aqui, damos como especimen o artigo com que o conhecido e muito apreciado semanario portuense *Os Pontos*, no seu numero de 14 de agosto ultimo, acompanhou o retrato do nosso biographado. É este:

«Um dos mais illustres ornamentos da engenharia portugueza, o nosso retratado de hoje, o conselheiro Antonio Ferreira de Araujo e Silva, é, como todos sabem, director das Obras Publicas do districto do Porto.

«Funcionario correctissimo e de reconhecidas aptidões, a sua folha de serviços insere valiosos titulos que muito o recommendam como profissional abalisado, sabedor, energico e activo.

«Temperamento vasado nos mais rigorosos moldes d'uma honestidade inexcedivel, mantém, na importante direcção a seu cargo, uma rigorosa disciplina, ponto que constitue uma das phases mais salientes do seu character austero.

«Comtudo, se é intransigente no que respeita ás funcções do logar, que tão acertadamente lhe

está confiado, se a sua physionomia accusa uma expressão nitidamente pronunciada, de rigidez intransigente, é a todo o momento essa apparencia desmentida pela bondade do seu superior coração.

«No trato intimo, no convívio dos seus amigos, poucos o excedem em amabilidade e em lhaneza. Profundamente dedicado para com aquelles que se lhe dedicam, ha innumerous testemunhos a accentuar-lhe o cavalheirismo, a lealdade e a dedicação.

«As mathematicas, a que se votou, não atrophiaram na sua lucida intelligencia faculdades litterarias muito apreciaveis, principalmente como poeta, pois muitas producções suas téem apparecido impressas, revelando o seu delicado culto ás musas.

«A homenagem affectuosa que lhe prestamos hoje é a significação do muito apreço, consideração e estima que lhe votamos.»

A isto póde e deve ajuntar-se este trecho do primoroso artigo que no *Almanach Bertrand*, para o anno de 1904, coordenado pelo sr. Fernandes Costa, acompanha o retrato de Araujo e Silva :

«As suas muitas aptidões não estão demonstradas em palavrosos relatorios: estão provadas

em obras importantissimas, que tem projectado e construido. O seu zêlo de funcionario não está só attestado em louvores officiaes; está definido no modo como tem desempenhado serviços publicos de responsabilidade e como ainda agora está dirigindo as obras de conclusão da Academia Polytechnica do Porto. A integridade do seu character não se revela apenas na honestidade da sua gerencia do serviço publico; tem-se revelado sempre que tem sido preciso fazer frente a pretensões irregulares, por mais altamente protegidas que ellas venham.»

bibRIA



N.º	2290
Data	26 Ajo. 1986
Cota	PH 2249

Correu prova de excedencia de officio ad
E. om. J. - Henrique C. da Silva exten.
cha do meu fallecido marido.

Maria Esmeralda Pinna et' Araujo

(10-2-912)

CONSELHEIRO

ANTONIO FERREIRA DE ARAUJO E SILVA

bibRIA

70852-10

OBRAS DO AUCTOR

MEMORIAS DE AVEIRO	1 volume
D. DUARTE DE MENEZES	1 "
O DISTRICTO DE AVEIRO	1 "
A MULHER ATRAVEZ DOS SECULOS	1 "
D. JOANNA DE PORTUGAL (A Princeza Santa)	1 "
A VISTA ALEGRE	1 "
MANOEL JOSÉ MENDES LEITE	1 "
A MULHER NA ANTIGUIDADE	1 "
CATALOGO DA EXPOSIÇÃO DISTRICTAL DE AVEIRO EM 1882	1 "
EXPOSIÇÃO DISTRICTAL DE AVEIRO EM 1882 — RE- LIQUIAS DA ARTE NACIONAL (com Joaquim de Vasconcellos)	1 "
A MARIA DA FONTE	1 "
LUCTAS CASEIRAS (Portugal de 1834 a 1851)	1 "
JOSÉ ESTEVÃO (apontamentos para a sua bio- graphia)	1 "
MEMORIA HISTORICO-GENEALOGICA DA CASA E SO- LAR DA OLIVEIRINHA	1 "
CATALOGO DA EXPOSIÇÃO DE ARTE RELIGIOSA NO COLLEGIO DE SANTA JOANNA PRINCESA	1 "
O "CONIMBRICENSÊ" E A HISTORIA CONTEMPO- RANEA	1 "
SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DE AVEIRO	1 "
O CONSELHEIRO MANOEL FIRMINO DE ALMEIDA MAIA	1 "
O PRIOR DO CRATO EM AVEIRO (com Annibal Fer- nandes)	1 "
D. MANOEL CORRÊA DE BASTOS PINA, BISPO DE COIMBRA, CONDE DE ARGANIL (esboço bio- graphico)	1 "
CASA DA MAGDALENA	1 "
ARCHIVO PHOTOGRAPHICO (com Mello Freitas)	8 numeros



António Ferreira de Araújo e Silva



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

CONSELHEIRO

FUNDO P.º ACURBIO
CORREIA DA SILVA

ANTONIO FERREIRA DE ARAUJO E SILVA

ESBOÇO BIOGRAPHICO

POR

MARQUES GOMES

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA, DO INSTITUTO DE COIMBRA
DA REAL ACADEMIA DE HISTORIA DE MADRID

COM UM PREFACIO DE BENTO CARQUEJA

DIRECTOR DO JORNAL "O COMMERCIO DO PORTO"
LENTE DA ACADEMIA POLYTECHNICA

bib**RIA**



PORTO
TYPOGRAPHIA INDUSTRIAL PORTUGUEZA
88—Largo do Correio—90

1906

EDIÇÃO ESPECIAL PARA BRINDES

bibRIA



PREFACIO



Convidado a anteceder com algumas palavras a biographia do conselheiro Araujo e Silva, minuciosamente traçada por Marques Gomes, acceito gostosamente a incumbencia, não tanto — devo dizel-o, francamente — por se tratar de um patricio, que honra a minha Oliveira, de um amigo, que o meu coração muito preza; mas, especialmente, por ter de referir-me a um honrado e bom portuguez, distinguido por uma actividade, que assombra, e por normas de honestidade, que o tornam respeitavel.

O seu valor afere-se pelas suas obras; o seu character pelas suas acções.

Ha na humanidade uma tendencia, que em sociologia se denomina «anthropolatrica» e que consiste no culto do homem pelo homem.

Essa tendencia accentua-se hoje, de cada vez mais, e é, realmente, consoladora, porque, apesar de todas as invejas, de todos os despeitos, de todas as divergencias de opiniões, os homens de «valor real» são destacados pelas consciencias sãs.

Não se lida baldadamente pelo Bem e pela Justiça: os fructos e os beneficios do esforço decidido e sincero são, mais cedo ou mais tarde, apreciados e tidos na devida conta.

Percorra-se essa extensa biographia e tanto bastará para se reconhecer que não é sem talento, sem uma inquebrantavel actividade, sem uma grande variedade de aptidões, sem um estudo consciencioso e sério, sem uma generosidade provadissima, que se chega a realisar toda essa vasta obra, que se estadeia com singular luzimento.

Esse intelligente e laborioso engenheiro poderia considerar-se absorvido pelas suas funcções officiaes, por isso que tem projectado e construido centenares e centenares de kilometros de estradas, numerosas pontes, vastos edificios publicos, abastecimentos de

aguas. Mas não ; o conselheiro Araujo e Silva tem sabido dispôr ainda de actividade bastante para generosamente — sempre generosamente! — ligar o seu nome a muitos melhoramentos de iniciativa particular, entre os quaes sobresaem os hospitaes, os asylos, as creches, os bairros operarios, os templos, os theatros, as escôlas, as officinas, etc. Chega a causar assombro, que por tão variadas fôrmas se possam manifestar as faculdades de um homem e que por tantas occupações se possa dividir a sua actividade.

E o que verdadeiramente sobredoi o lustre de tal actividade é a rigidez de character, que distingue um trabalhador de tal merito, e o empenho, que elle põe em tudo aquillo a que liga o seu nome.

O seu character, rigido como o aço, limpido como o crystal, está á prova de todas as investidas dos maus sentimentos e dos ruins interesses. Não ha influencias que lhe façam brecha, por mais dominadoras que sejam ou pareçam. E, senão, que o digam todos esses ministros e directores geraes, a cujas ordens tem servido o conselheiro Araujo e Silva, na sua longa carreira publica. Nem um só deixou de reconhecer a rigidez dos seus principios, a inquebrantabilidade e pureza do seu character, a lealdade do seu proceder.

Homem firme e intemerato, é natural que tenha levantado o despeito e a malquerença dos que não serve, porque não deve servir, e dos que não tolera, porque entende não dever tolerar. Pois, nunca esses despeitos e malquerenças, apesar de acolhidos, por vêzes, pela politica, conseguiram cobrir de nuvens a atmospheria de limpidez moral, em que o conselheiro Araujo e Silva é tido nas regiões superiores da administração publica.

Não se dobra a conveniencias de qualquer ordem, porque tomou por norma não se dobrar ás proprias conveniencias.

Dito isto, está dito tudo, não com ares de biographia, mas como juizo critico sobre a vida de um funcionario, que tem passado a sua existencia concentrado no exercicio da profissão para que se preparou — factio singular, n'este paiz, onde tanta gente se dispõe a ser aquillo para que não se preparou devidamente.

Porto, 1906.

BENTO CARQUEJA.



bibRIA